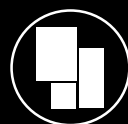




CASAS DOS
IMIGRANTES
JAPONESES



CASAS DOS
IMIGRANTES
JAPONESES

Dênis Iwaoka Shiki
Orientadora: Joana Carvalho de Mello

Trabalho Final de Graduação



FAUUSP

Dezembro 2019

AGRADECIMENTOS

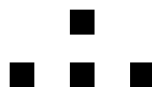
À minha orientadora Joana sem a qual esse trabalho não seria possível graças à sua orientação e ajuda no meu direcionamento do trabalho.

À meus pais que trabalham duro e me auxiliam no meu cotidiano. Apesar de estarmos um pouco longe, ainda estamos conectados.

Ao meus colegas de faculdade que me auxiliaram na formação e caminhada durante o período na faculdade.

E todos aqueles que encontrei durante a vida e com os quais compartilhei bons momentos.

INTRO DUÇÃO



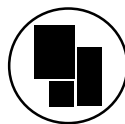
2 Estrutura e
propósitos
do trabalho
Pág. 10



1 Motivações
do trabalho
Pág. 8

PAR TE 1

A EXPERIÊNCIA DA
IMIGRAÇÃO E
MODOS DE MORAR
NO JAPÃO



5 Análise das
plantas “Minka”
Pág. 42



4 Arquitetura japonesa:
Pág. 16



3 Motivações
da partida
Pág. 12



6 Chegada dos
imigrantes ao Brasil
Pág. 47

PAR TE 2

A EXPERIÊNCIA DA
IMIGRAÇÃO E
MODOS DE MORAR
NO BRASIL



7 Paraná
Pág. 56



8 Casas de Madeira
Pág. 61



9 Casas dos Imigrantes Japoneses
Pág. 78



10 Análise das casas
dos imigrantes
Pág. 92

PARTE 2

A EXPERIÊNCIA DA
IMIGRAÇÃO E
MODOS DE MORAR
NO BRASIL



11

Vale do Ribeira:
Contexto
Histórico
Pág. 97



13

Análise das casas dos
imigrantes no vale do
Ribeira.
Pág. 110



14

Considerações finais:
O que aprendi.
O que ainda precisa ser
estudado
Pág. 112



12

Casas dos imigrantes
japoneses no Vale do
Ribeira.
Pág. 99



15

Bibliografia
Pág. 114

PAR TE 1

A EXPERIÊNCIA DA
IMIGRAÇÃO E MODOS
DE MORAR NO JAPÃO

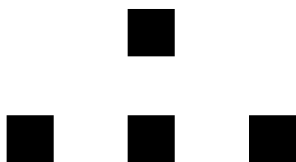
Desde que nasci nunca tinha me dado conta que eu era “Japonês”, sendo que durante a minha infância, achava que as pessoas me tratavam igual à todas e que a etnia era algo que as pessoas não viam ou não achavam tão relevante assim.

Durante o período do colégio, ao ver as aulas de história, nunca me foi contado sobre como nós imigrantes de japoneses chegamos ao Brasil e o porquê viemos. Apesar de me questionar brevemente sobre esse assunto, nunca cheguei a pesquisar de fato sobre a história dos imigrantes japoneses, me contentando com as informações que apareciam na televisão sobre o assunto.

Após a escola veio então a faculdade, a onde ouvi um pequeno comentário na aula de “Fundamentos Sociais da Arquitetura e Urbanismo” sobre o preconceito sofrido aos imigrantes japoneses no Brasil durante a segunda guerra mundial, como também o pensamento eugenista que permeava em uma parte da elite brasileira, ficando essa frase marcado em mim, apesar de não pesquisar mais sobre o assunto.

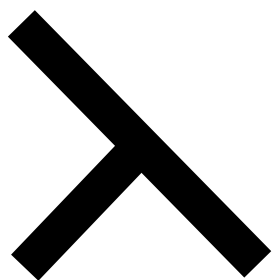
No segundo semestre do ano passado (2018), quando cursei “História da arte no Brasil” a professora solicitou como trabalho final para curso uma pequena monografia com tema livre escolhido pelo aluno tendo que estar relacionado com a arte brasileira. Ao lembrar das aulas de fundamentos sociais, resolvi então pesquisar sobre algo relacionado a imigração japonesa, foi então que me deparei com a tese de doutorado “O imigrante Japonês nas revistas Ilustradas brasileiras” da Marcia Yumi Takeuchi, da qual descrevia o preconceito sofrido pelos imigrantes de japoneses no Brasil, algo que abriu um novo horizonte para mim a respeito da história da imigração.

Após essa descoberta, senti a necessidade de olhar para o meu passado, tanto para a história dos imigrantes japoneses como para a cultura japonesa presente em meu cotidiano, tanto nas comidas típicas, como o agora popular “yakisoba”, o “sushi”, como também nos aspectos culturais como o de rezar pelo menos uma vez por ano no “butsudan” no de comer “ozone” no fim do ano, que seria uma sopa de “moti” para dar boa sorte no próximo ano. Esses e outros aspectos que antes achava antigos agora me faz ter um outro olhar de uma cultura, que apesar de inicialmente pertencer a outro país, os imigrantes alteraram e tornaram uma parte do Brasil.



O trabalho está organizado em duas partes. A primeira trata do contexto histórico da imigração japonesa, tanto no Brasil quanto no Japão. Nesta parte, trataremos da história das habitações japonesas até a imigração para o Brasil, com o objetivo de levantar o que estes imigrantes traziam na bagagem em termos de cultura do lar e construtiva.

A segunda parte é mais focada mais no Brasil, iniciando com as casas dos imigrantes japoneses no Paraná e depois partindo para o Vale do Ribeira. No Paraná nos focaremos mais na arquitetura de madeira e a organização das plantas das casas enquanto no Vale do Ribeira nos focamos mais nas técnicas construtivas feitas pelos imigrantes. Espera-se com este panorama iluminar as transformações dos modos de morar japoneses no Brasil.



Para entendermos melhor o porquê e como os imigrantes japoneses vieram ao Brasil, vamos recuperar inicialmente os contextos brasileiro e japonês no intuito de observar o que estava ocorrendo em ambos os países e compreender as motivações de partida.

Com a implantação da economia cafeeira no Brasil, em 1840, e a proclamação da Lei do Ventre Livre, em 1850, houve um aumento da demanda de mão de obra para as zonas rurais do país e um estímulo à entrada de imigrantes europeus. Com a abolição da escravidão, em 1888, elevou-se ainda mais a demanda por imigrantes.

BRA SIL

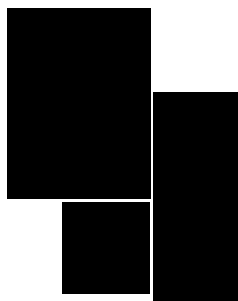
Um dos estados que mais necessitava de mão de obra por ser um dos principais produtores de café foi São Paulo, grande motor para a economia do país desde 1850 até 1920. Devido a sua importância econômica, o Estado detinha um alto peso político no país, influenciando diretamente na política imigratória e de substituição da mão de obra escrava pela mão de obra livre. Nesse processo, priorizou-se principalmente pessoas de origem europeia, devido às questões raciais contra outras etnias de origem não europeia. Essa política atraiu, entre 1820 e 1903, 1.140.000 italianos, 549.000 portugueses, 212.000 espanhóis, 89.000 alemães e, entre 1908 a 1940, 179.000 imigrantes japoneses (**Levy 1974, p. 74**). Dessa forma, também a imigração japonesa estava vinculada à política imigratória de substituição da mão de obra livre e à economia cafeeira. Sua realização se deu por meio do acordo de livre comércio estabelecido com o Japão em 1895 (**Niyomia 1996, p. 250**).. Se havia, portanto, interesse em atrair os japoneses para o Brasil, porque este resolveram deixar seu países de origem? Vale, agora, entender qual o interesse e quais as motivações dos japoneses na decisão de emigrar para o Brasil.

Em 1853, com a ameaça militar feita pelo governo dos Estados Unidos ao Japão, decretou-se o fim da política isolacionista iniciada desde o sistema feudalista, quando o governo, denominado “xogunato”, era caracterizado pelo domínio do poder político pelas elites locais. Nesse sistema, o imperador tinha apenas um poder representativo, não impactando nas decisões governamentais que eram exercidas pela família Tokugawa (1600-1867).

Em decorrência do fim da política isolacionista houve um aumento do comércio do Japão com outros países. As novas trocas comerciais fortaleceram a economia japonesa e levaram ao aprimoramento do seu poderio militar, para que no futuro o país pudesse se desvencilhar dos tratados impostos pelos Estados Unidos.

JAPÃO

Com a renúncia do último Xógun, em 1868, os poderes políticos foram transferidos para o imperador, Kamushi, responsável pela formação da era Meiji (1868 – 1912) e o início do processo de modernização do país. Nesse processo, investe-se na formação de uma indústria nacional, modificando-se a organização econômica anterior de base agrária. A mudança impactou tanto as cidades como o campo, em função, entre outras coisas, da maior mecanização da produção rural que ocasionou em um elevado desemprego da população camponesa de baixa renda. Além disso, houve também a criação de um regime tributário para a população camponesa que contribuiu ainda mais para o aumento do desemprego da população rural. Esse contexto de transformações intensas promoveu um aumento das tensões sociais entre campo e cidade e entre os diferentes grupos sociais. Diante disso, o governo japonês decidiu estabelecer uma política migratória no intuito de amenizá-las, incentivando, a partir de 1880, a imigração dos seus habitantes para outros países como Estados Unidos, Peru, Filipinas, Reino Unido, Brasil, entre outros com os quais tinham estabelecido acordos comerciais e que demandavam mão de obra.



Os japoneses que deixaram sua terra natal para emigrar para o Brasil traziam na bagagem uma cultura muito diversa da local, com costumes e modos de morar igualmente diferentes. Parte desses costumes se manteve, parte deles, contudo, se modifica no processo de emigração, por isso, para melhor compreendermos a arquitetura produzida por estes imigrantes japoneses no Brasil, iremos conhecer um pouco mais sobre história da arquitetura produzida no Japão, suas tradições espaciais, construtivas e de linguagem desde o passado mais remoto até o momento em que se estabelece a política de imigração dos japoneses para o Brasil (1908).

PERÍ ODOS

PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C)

PEÍRODO JOMON (10.000 A.C. – 400 A.C)



Peças de cerâmica do período Jomon.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/J%C5%8Dmon_period

O período Jomon marca o início do sedentarismo no Japão, fato comprovado pela presença de peças de cerâmica para o armazenamento de alimentos como nas imagens acima, produzidos por habitantes que ainda eram caçadores e coletores (Nakayama & Kazuya, 2000, p. 10).

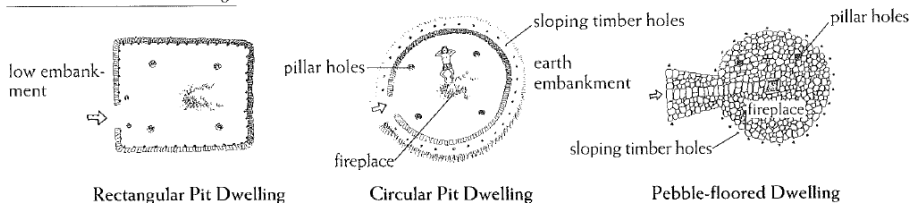
Com o sedentarismo, iniciou-se também o desenvolvimento da agricultura local e a construção de habitações com caráter permanente que serviam tanto para abrigo como um local para cozinhar, dormir e estocar alimentos. Estas habitações tinham o intuito apenas de imitar o ambiente das cavernas, tendo a seguinte lógica construtiva abaixo (Kakayama & Kazuya, 2000, p. 17):

- Era feita uma escavação de aproximadamente 50 cm na terra, em um formato retangular ou redondo.
- Em seguida, construído um apoio da cobertura por meio de quatro a oito pilares.
- Elaboração da cobertura, feita geralmente em palha.

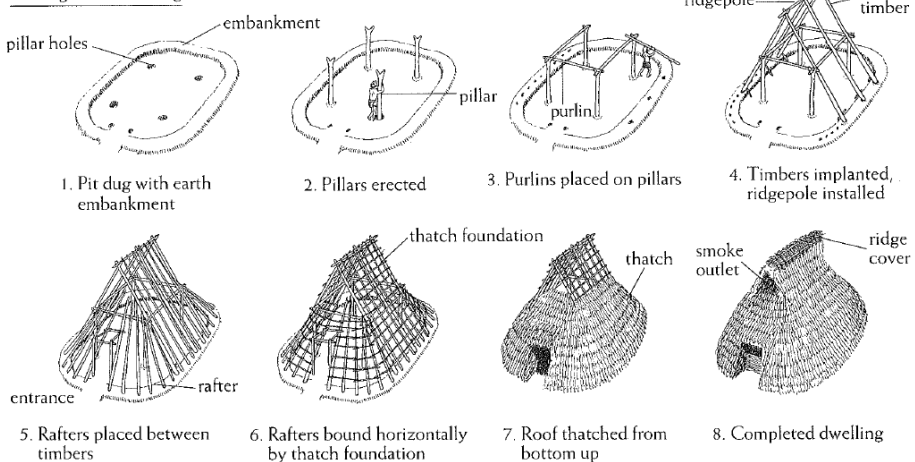
PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C.)

PERÍODO JOMON (10.000 A.C. – 400 A.C)

Plans of Prehistoric Dwellings



Making a Pit Dwelling



Etapas de construção da habitação do período Jomon. Fonte: Nakayama, 2000, P. 17

No final do período Jomon, ocorreu a vinda de outros povos provenientes principalmente da China e Coréia, trazendo consigo tanto o cultivo de arroz como o manuseio do bronze, fato que permitiu a fabricação de ferramentas de trabalho mais duráveis. A vinda do arroz foi um dos aspectos que mais alterou a organização da sociedade japonesa nessa época, pois para que esse alimento fosse produzido em grande escala, seria necessária uma grande porção de terra e maior quantidade de mão de obra, ocasionando esse novo cultivo na formação de vilarejos, como veremos no período seguinte.

PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C.)

PERÍODO YAYOI (400 A.C. – 300 D.C)

Com o desenvolvimento da agricultura, os agrupamentos rurais cresceram e formaram vilarejos que tinham como fonte de renda o cultivo tanto do arroz, presente em maior escala, como de outros vegetais. Esta produção, cuja escala era maior, demandou a criação de um local para armazenamento de grãos que fosse protegido tanto das intempéries naturais quanto da invasão de animais. Para resolver esse problema, os japoneses construíram um edifício com piso elevado como mostra a foto abaixo:



Exemplo de uma construção com piso elevado do período Yayoi.
Fonte: Nakayama, 2000.P.20

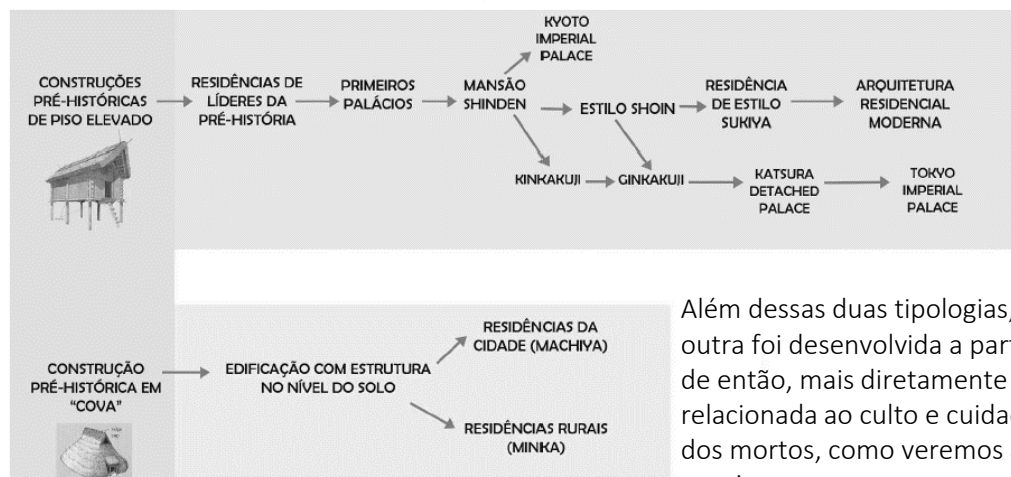
PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C.)

PERÍODO YAYOI (400 A.C. – 300 D.C.)

O fato de o edifício ser elevado e exigir uma maior durabilidade impulsionou outro manuseio da madeira que envolveu a elaboração de encaixes e entalhamentos nas paredes feitas com tábuas e de novos elementos como a escada e o repelidor de ratos. Este novo edifício tinha o seguinte processo construtivo:

- Implantação e elevação dos pilares.
- Construção de uma plataforma de madeira.
- Edificação de paredes que utilizam também a madeira como matéria prima.
- Construção de uma estrutura para a inserção da cobertura.
- Colocação da cobertura em palha.

Um aspecto interessante a ser considerado a partir dessa época com a diferenciação dos edifícios de habitação e de armazenamento foi o desenvolvimento de duas correntes arquitetônicas distintas no país (David & Michiki, 2000, p. 18). Uma que gerou as construções feitas no chão, mais ligadas à classe trabalhadora, outra que gerou edificações com piso elevado, mais relacionadas às pessoas de maior poder político e econômico. Este é o modelo dos castelos e templos.



Além dessas duas tipologias, há outra foi desenvolvida a partir de então, mais diretamente relacionada ao culto e cuidados dos mortos, como veremos a seguir.

Correntes arquitetônicas formadas no Japão. Fonte: Young& Young, 2014, p.10

PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C)

PERÍODO DOS TÚMULOS (300D.C. – 590 D.C)

O desenvolvimento dos vilarejos fundados no período anterior impulsionaram uma maior e mais complexa hierarquia social, com a eleição de líderes de estado, cuja morte promoviam cerimônias apropriadas à sua autoridade. O seu sepultamento se dava em túmulo adequado ao seu.

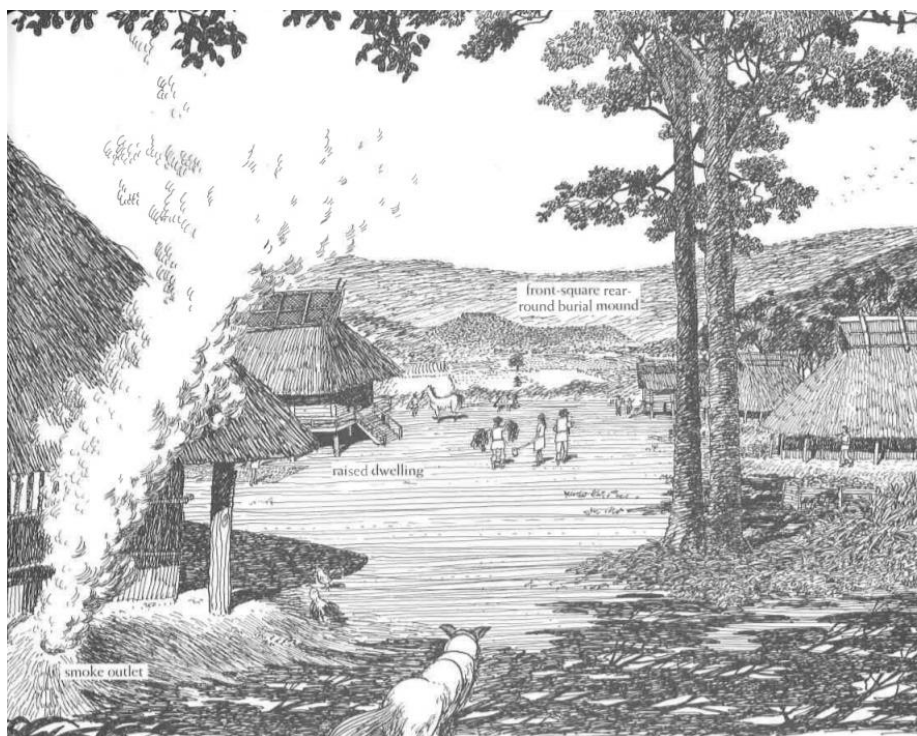


Imagem de referência do período.

Fonte: Nakayama, 2000, p.24

PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO (10.000 D.C. – 590 D.C)

PERÍODO DOS TÚMULOS (300D.C. – 590 D.C)



Pit Dwelling

The most common type of dwelling from the Jōmon period onward. In the Kinai district, it disappeared by the beginning of the eighth century, but in eastern Japan it was still standard in the Burial Mound period.



Pit Dwelling with Walls

Outer pillars are erected with windows and entrance in between them. Interior space is higher, and the stoop is near the wall. In the latter part of the Burial Mound period, this is a common style.



Raised Dwelling

In western Japan, where rice-growing culture first developed, raised dwellings appeared at an early date. In the Burial Mound period, there were fine specimens with open or railed verandas for the ruling class.



Raised Storehouse

Appearing in western Japan in the Yayoi period, the raised storehouse was also built in eastern Japan by the Burial Mound period.



Ground-level Dwelling

The ground-level dwelling that began to appear around the seventh century, chiefly in the Kinai district, was rectangular in plan, and the outside pillars had become part of the main structure. There were imposing gables, and the roof ridge was sometimes surmounted by horizontal decorative elements (katsuogi).



Gable-roofed Pit Dwelling

The pit dwelling, whose plan had become rectangular in the Burial Mound period, began to appear with a gable roof and the entrance at the gable end.

Diferentes tipos de construção no período dos túmulos

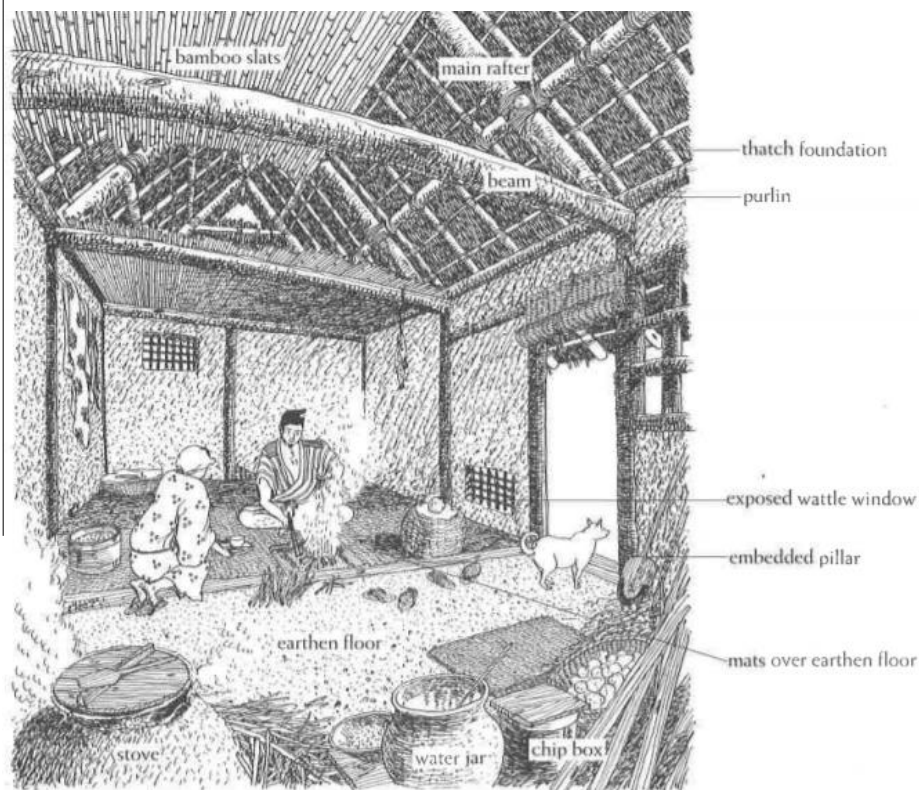
Fonte: Nakayama, 2000, p.24

Além dessa nova tipologia, durante esse período ocorreu também uma maior diversificação das edificações, tanto de armazéns quanto de habitações cujo desenho, dimensão e materialidade variava conforme a posição social do morados. Foi nesse momento que as pessoas com autoridade passaram a construir edificações com piso elevado com o intuito de ressaltar a sua diferença de status.

PERÍODO CLÁSSICO (590 D.C. – 1192 D.C.)

O desenvolvimento dos estados e o seu progresso econômico foram acompanhados de uma maior concentração dos poderes políticos até a criação de um governo centralizado de organização imperial.

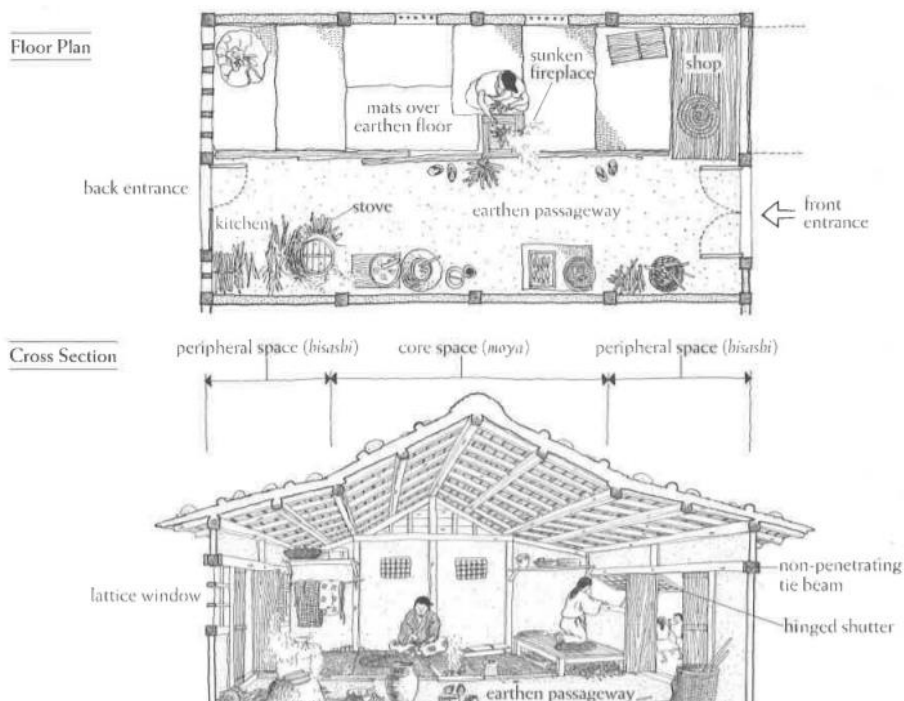
Do ponto de vista das habitações, nota-se que as construídas pela classe trabalhadora passam a ser erguidas com pilares externos e não mais os internos como no período “Jomon”. Outra mudança é verificada no uso de um novo método construtivo, o “tsuchikabe”, para as paredes de vedação. Este método envolvia a construção de uma estrutura de bambu para as paredes que era recoberta por barro, num modelo semelhante ao pau a pique, muito utilizado em terras brasileiras.



Exemplo de uma habitação rural do período clássico.

Fonte: Nakayama, 2000, p. 20

PERÍODO CLÁSSICO (590 D.C. – 1192 D.C)



Exemplo de uma habitação urbana do período clássico.
Fonte Nakayama, 2000, p. 34

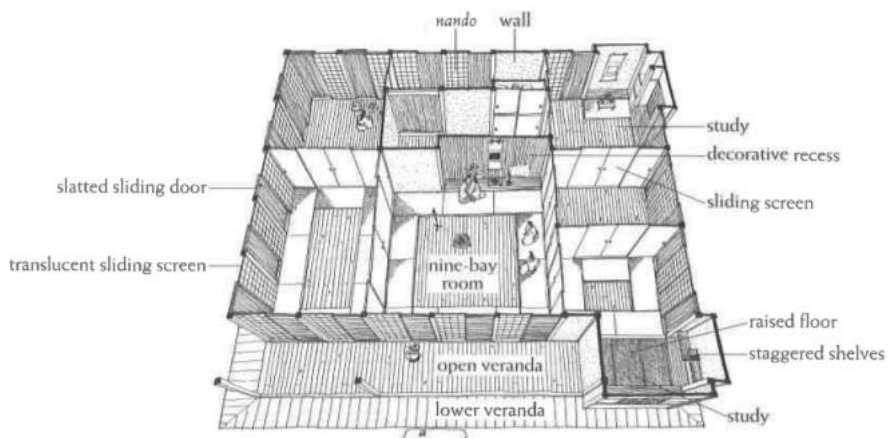
Outro aspecto importante notado nessa época foi a implantação de técnicas construtivas trazidas da Coréia, utilizadas principalmente na construção de templos budistas. Esse contato trouxe para o Japão a utilização de elementos construtivos como a base de pedra para a estrutura, a cerâmica para as telhas de cobertura, os metais para as juntas e a coloração das vigas e pilares. Tais inovações, inicialmente utilizadas nos castelos e templos, foram com o tempo difundidas e assimiladas pelo resto da sociedade, sendo empregadas no conjunto de edificações residenciais.

PERÍODO MEDIEVAL

(1192 A.C. – 1603 D.C)

Após um longo período de centralização do poder pela aristocracia imperial, esta começou a se enfraquecer com a ascensão da classe militar composta pelos samurais. Essa ascensão e mudança do polo de poder foi algo importante para o país, pois demarcou uma alteração tanto na cultura japonesa como no modo de construir e usar as suas casas. A grande inovação trazida pelas residências dos samurais foi a maior segmentação da habitação que passou a ser dividida em vários ambientes, cuja ligação se dava com a instalação das portas deslizantes. Dessa forma, as novas residências passaram a ter espaços como sala para a colocação de pequenos templos, sala para estudos, despensa, sala de reuniões, além da cozinha e dos dormitórios.

Colaborou para mudanças nas formas de morar desse período também a difusão do zen budismo com a concepção de jardins com varandas internas construídas somente para contemplação, reflexão e apreciação do presente. Outro elemento que também demonstra a influência dos conceitos zen budistas nas formas de morar foi a introdução das casas de chá, um espaço também destinado à apreciação e contemplação do presente.

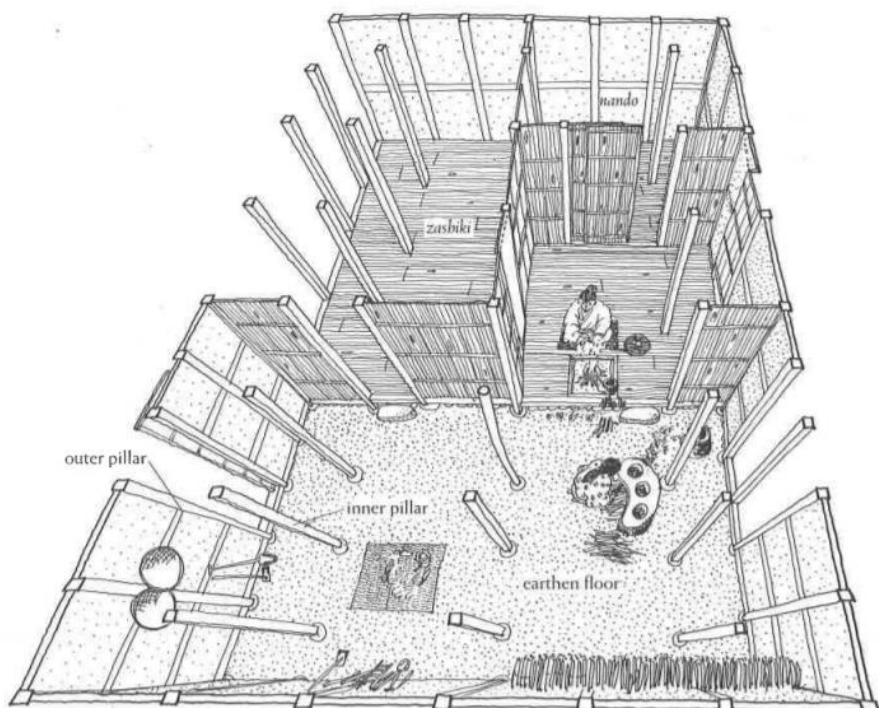


Exemplo de uma habitação dos samurais do período medieval.
Fonte: Nakayama, 2000, p.54

Nota-se ainda nesse período, a introdução do raciocínio modular para a construção das casas. A modulação adotada tinha como unidade de medida a dimensão do tatame japonês, algo em torno de 0,60m por 1,80m. Esta dimensão teria relação com a posição de pessoa deitada confortavelmente.

PERÍODO MEDIEVAL (1192 D.C. – 1603 D.C.)

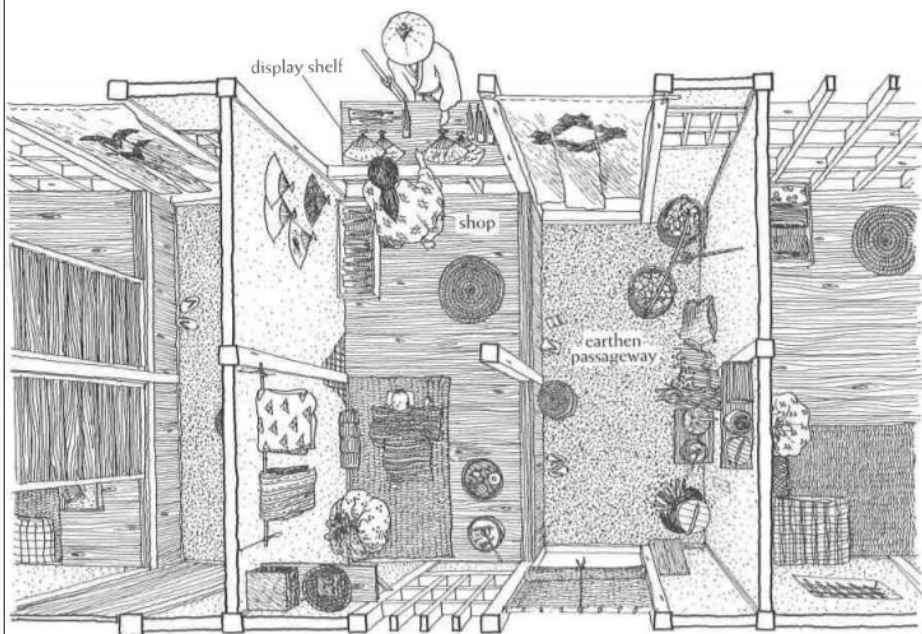
Esse conjunto de mudanças afetou também da ordenação espacial e construtiva das habitações populares. Uma mudança significativa nesse período foi a elevação dos dormitórios em uma plataforma de madeira e uma maior subdivisão dos ambientes internos para além da observada no período anterior, com a definição de ambientes de sala de estar e de dormitórios, como vemos abaixo:



Exemplo de uma habitação rural do período medieval.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 47

PERÍODO MEDIEVAL (1192 D.C. – 1603 D.C.)

Comparado ao período anterior, não houve muita diferença entre as casas rurais e urbanas, continuando a segunda um espaço menor utilizado tanto para moradia como comércio, a única diferença seria a presença do desnível da área de passagem, utilizada também como cozinha, com a de descanso, situada em uma plataforma de madeira. O reduzido tamanho da habitação se deve ao fato destas estarem alinhadas a outras casas menores, pagando todas um aluguel ao dono que determinava o preço pela largura da casa.



Legenda: Exemplo de uma habitação urbana do período medieval.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 50

A presença deste desnível não é explicada nos livros em que li, mas o que inferi ao fazer uma reflexão sobre esse aspecto é que esta seria uma maneira para impedir que a água molhasse os dormitórios caso houvesse uma inundação ou um período de fortes chuvas. Além disso, o fato da cozinha ser instalada no chão de terra batida e não em uma plataforma de madeira tinha o objetivo de minimizar o risco de incêndio, já que este era um ambiente utilizado diariamente na casa.

Além das habitações, ocorreram outros tipos de construções no mesmo período feitas como os mercados, prostíbulos e casas de banho, estas últimas foram importantes pois os japoneses não tinham o costume de tomar banho diariamente, sendo a sua criação um incentivo para o melhoramento da higiene da população.

PERÍODO EDO

(1603 D.C. – 1867 D.C)

Após o período medieval de dominação política exercida pelos samurais, o período Edo foi definido pelo protagonismo dos comerciantes, havendo um grande crescimento das fazendas e a das chamadas casas **“MINKA”**.

As casas “Minka” formam um grupo de residências com inúmeras variedades e formatos que variavam de uma cidade para outra. Apesar da grande diversidade de soluções, todas partilhavam da mesma premissa que era a utilização do material presente no entorno e a utilização de mão de obra familiar e dos vizinhos para a sua construção.

CASAS MINKA

Chuji Kawashima no livro *Japan's Folk architecture* classifica as residências Minka de acordo com o formato e a quantidade de águas do telhado, categorizando-as em quatro tipos principais:

- 1 TELHADO DE DUAS ÁGUAS:** Nesta, o autor cita vários exemplos de estilos das edificações que tem somente duas águas, composto o telhado tanto por palha como cerâmica, tendo esse formato de telhado vários estilos que o compõe, classificando o autor em três estilos, denominados estes de “Gassho-Zukuri”, “Honmune-Zukuri” e “Yatomune-Zukuri” como vemos abaixo:



Gassho-Zukuri



Honmune-Zukuri

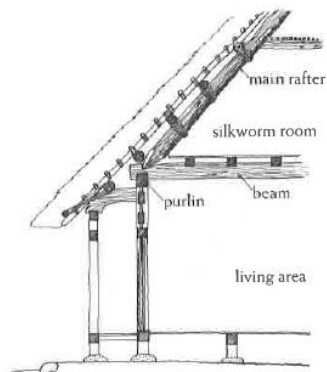
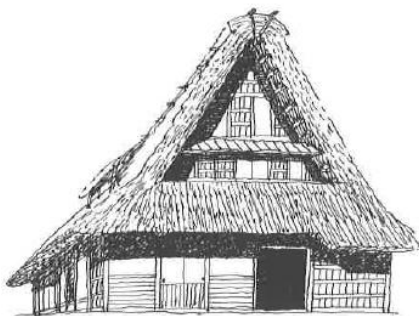


Yatomune-Zukuri

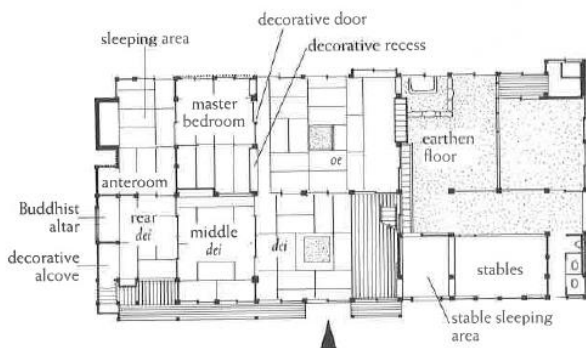
Exemplos de uma habitação Minka com telhado de duas águas.
Fonte: www.kcpinternational.com.

PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

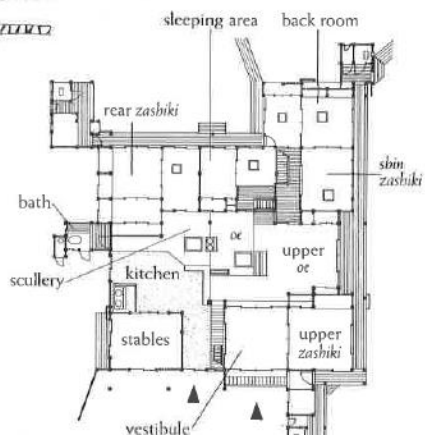
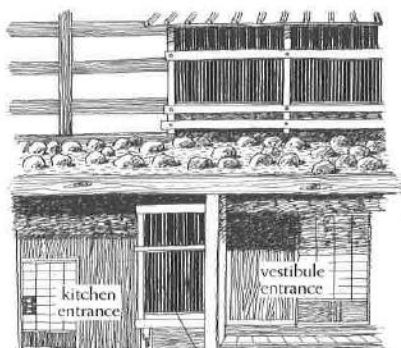
CASAS MINKA



The slope of the roof is much steeper than usual in farm-houses, partly to prevent the settling of snow and partly to take full advantage of the loft thus created.



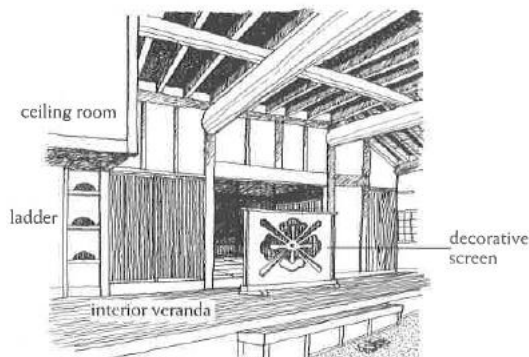
Legenda: Exemplo da habitação minka “Gassho-Zukuri”.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 69



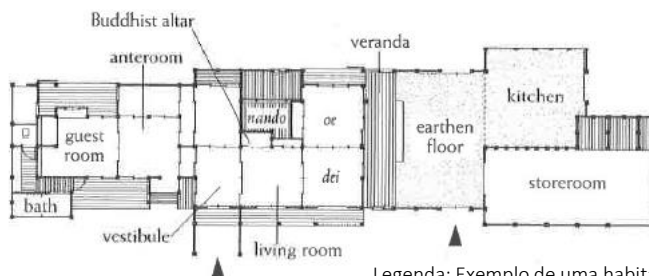
Legenda: Exemplo de uma habitação “Honmune-Zukuri”.
Fonte: Nakayama, 200, p. 69

PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

CASAS MINKA



The interior veranda is a sign of this house's high status. Climbing the ladder on the left leads to a room suspended from the ceiling.



Legenda: Exemplo de uma habitação “Yamatomune-Zukuri”.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 71

Os formatos “Gassho-Zukuri” e “Yamatomune-Zukuri” eram utilizados em edifícios destinados a população comum, enquanto as construções com telhado “Honmune-Zukuri” eram designadas aos governantes ou pessoas com uma maior poder na hierarquia social.

2 TELHADO DE QUATRO ÁGUAS, o mais comum a ser encontrado no Japão devido a maior facilidade construtiva. Como no caso anterior, ele também se organiza quatro estilos: “cume único”, “casas longas”, “Bunto-Zukuri”, “Kagi-ie e Kudo-Zukuri”. Como poderemos observar as casas longas e a de cume único tem o mesmo formato de telhado, tendo como única diferença o comprimento.



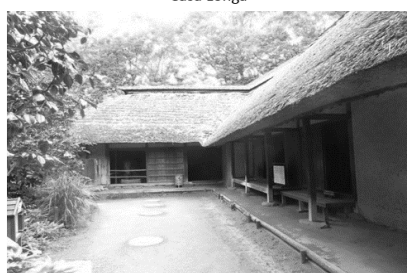
Cume único



Casa Longa



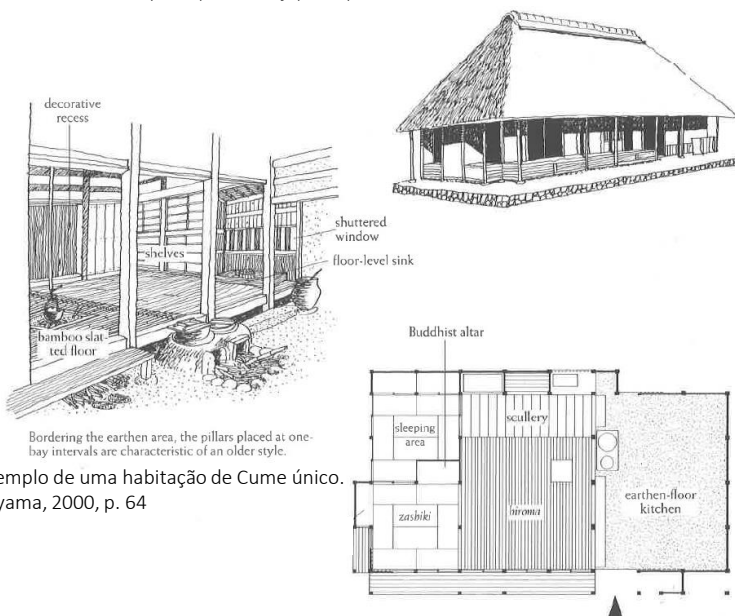
Bunto-Zukuri



Kudo-Zukuri

Exemplo de habitações com telhados de quatro águas.

Fonte: www.tokyo-in-pics.com/japan-openair-folk-house-museum

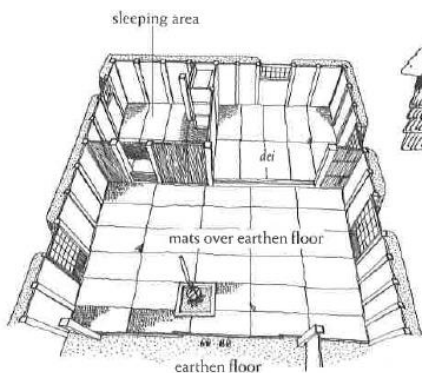


Legenda: Exemplo de uma habitação de Cume único.

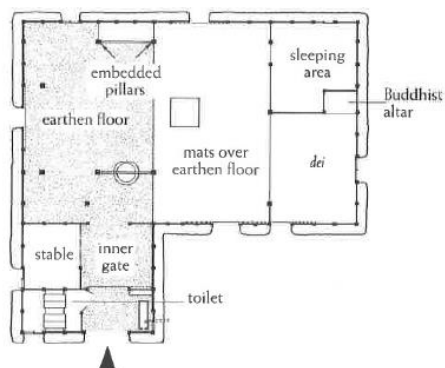
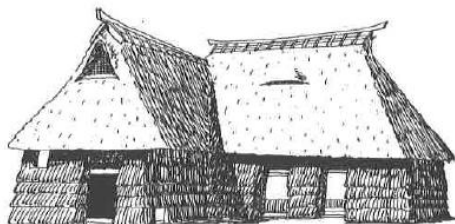
Fonte: Nakayama, 2000, p. 64

PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C)

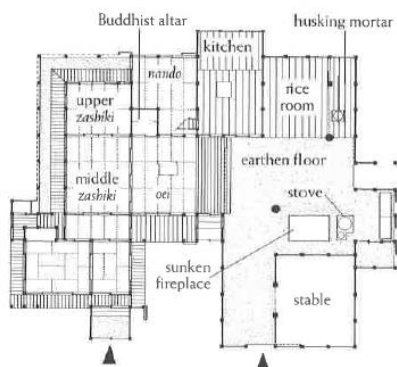
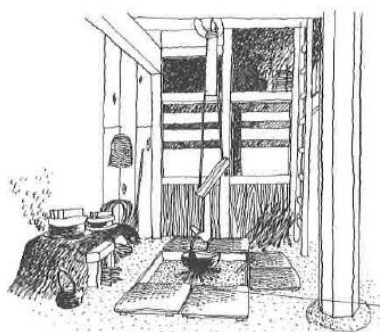
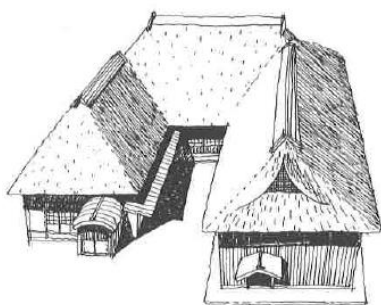
CASAS MINKA



The two pillars implanted directly into the earth at the edge of the earthen area are relics of medieval practice.

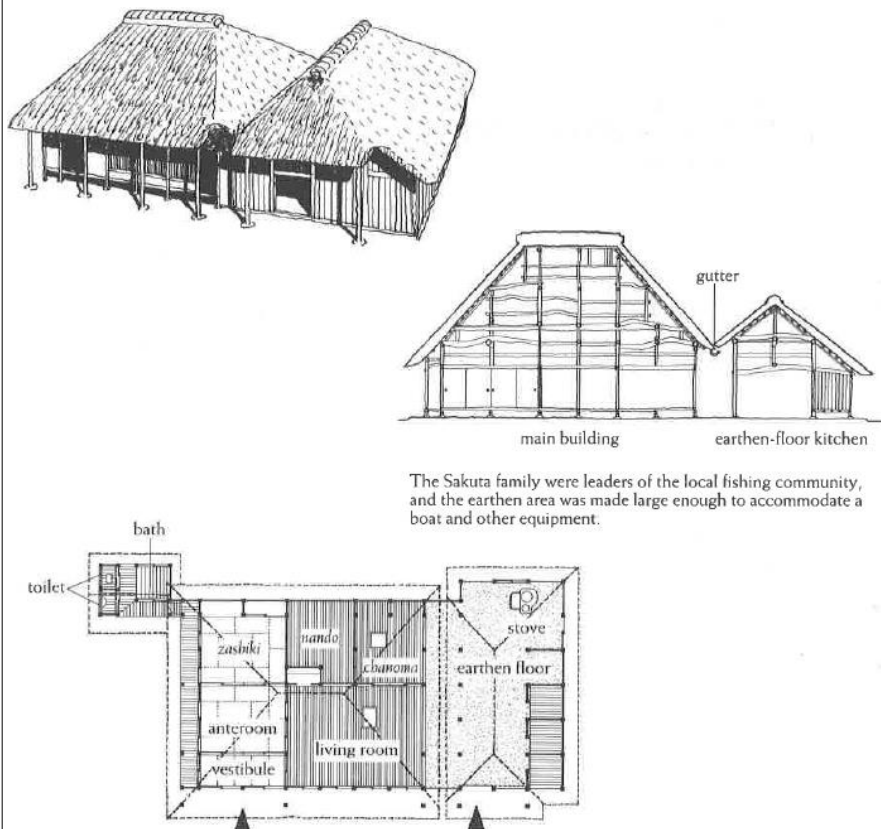


Exemplo de uma habitação Kudo-zukuri.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 65



Exemplo de uma habitação Kudo-zukuri.
Fonte: Nakayama, 2000,p. 67

CASAS MINKA



The Sakuta family were leaders of the local fishing community, and the earthen area was made large enough to accommodate a boat and other equipment.

Exemplo de uma habitação “Bunto-zukuri”.
Fonte: Nakayama, 2000, p. 67

Uma das casas que achei mais curiosas desse estilo é a “Bunto-Zukuri” que se destaca por ser uma habitação com dois telhados, sendo geralmente um teto destinado a visitas enquanto o outro era para os residentes. Por fim as casas classificadas com o estilo “Kudo-Zukuri” eram edificações com formato de “T”, “L” ou “U”.

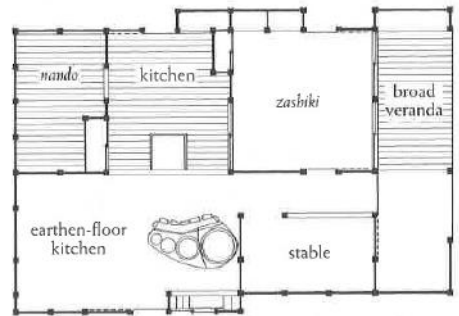
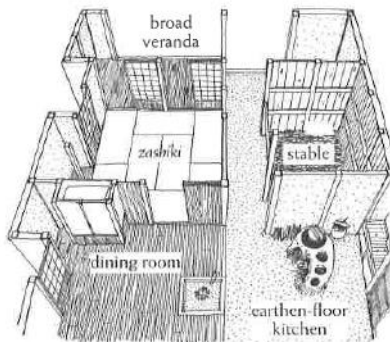
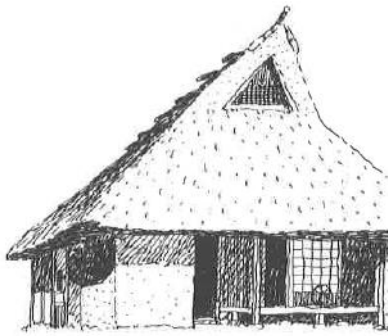
3 TELHADO COM DUAS ÁGUAS INCLINADAS, uma espécie de junção do telhado de duas águas com o de quatro águas que compõe um estilo único nas edificações não tendo classificações internas como ocorrem nos dois tipos de residência anteriores.



Exemplo de habitações com duas águas inclinadas.
Fonte: www.matcha-jp.com/en/3769

PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

CASAS MINKA



The wide veranda, facing south, was used for various purposes, including receiving everyday guests and doing handiwork.

Exemplo de habitações com duas águas inclinadas.

Fonte: Nayakama, 2000, p. 64

Um dos aspectos interessantes sobre esse edifício é a presença de ornamentos dos frontões das casas, pois esse estilo era geralmente adotado por pessoas com um maior poder aquisitivo.



Legenda: Exemplo de ornamentos nos frontões das casas.

Fonte: www.tokyo-in-pics.com/japan-openair-folk-house-museum

4 TELHADOS COMBINADOS

que, como o próprio nome diz, é resultado da combinação de vários tipos de telhados. Aqui, como nos casos anteriores, há dois estilos: “Chumon-Zukuri” e “Kabuto-Zukuri”.



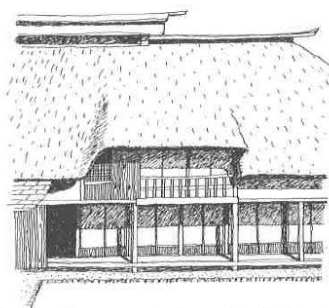
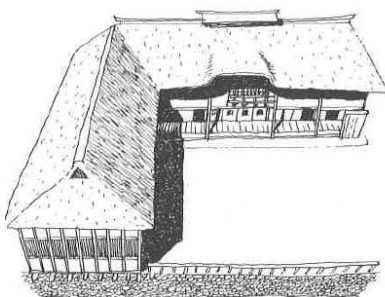
Chumon-Zukuri



Kabuto-Zukuri

Exemplos de casa com telhados combinados.

Fonte: www.tokyo-in-pics.com/japan-openair-folk-house-museum



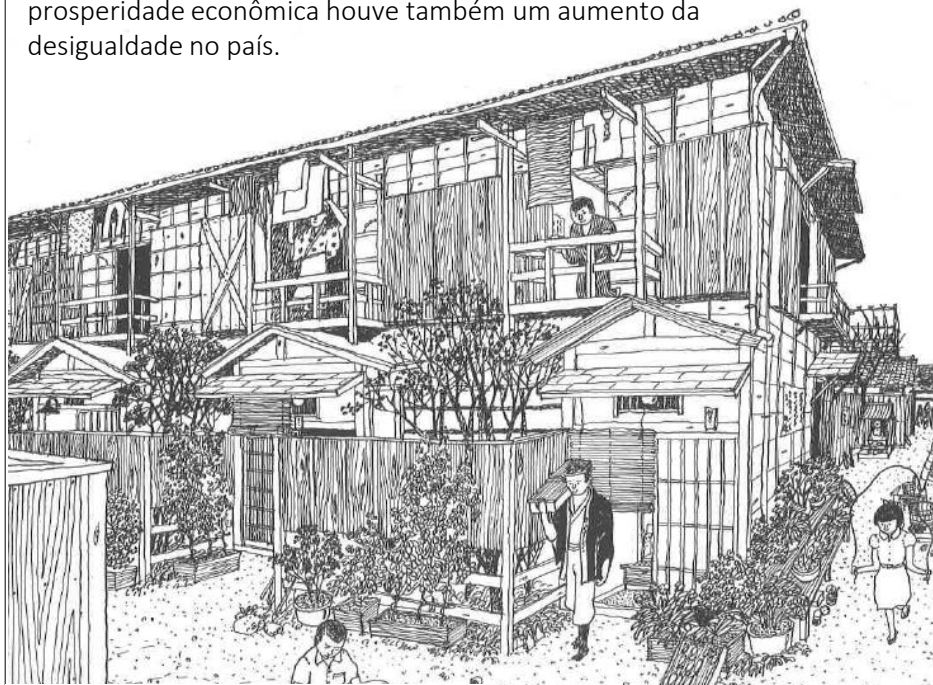
The second floor area, under the unusual roof called a *kiriya*, is used by the oldest son and his wife as a sleeping area.



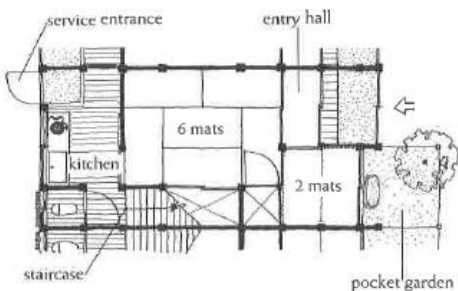
Esse tipo de casa era também utilizada por pessoas com alto poder aquisitivo, não sendo uma arquitetura muito comum no Japão. Apesar disso, este era o tipo de casa com maior volume e riqueza se comparado aos outros estilos.

PERÍODO MEIJI (1868 D.C. – 1912 D.C.)

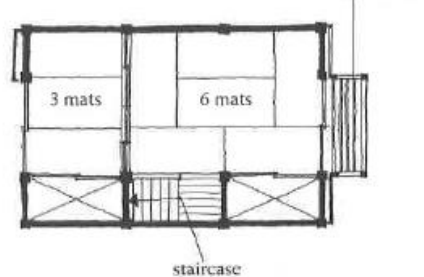
Com a modernização do Japão, resultado principalmente pela abertura comercial a outros países, iniciou-se uma ocidentalização do país que passou adotar uma arquitetura mais ocidentalizada nas cidades. Apesar dessa época significar um tempo de grande prosperidade econômica houve também um aumento da desigualdade no país.



First floor



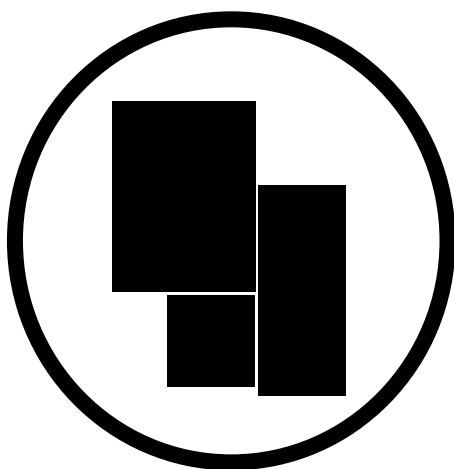
Second floor



Legenda: Exemplo de uma casa de um trabalhador na indústria de carvão urbana no período Meiji.
Fonte: Kawashima, 2000, p. 104

No que concerne as casas rurais, não houve muita alteração de layout ou técnicas construtivas desse período, utilizando ainda a madeira como a principal matéria e reproduzindo em muitas delas o mesmo estilo do período anterior. Isso se deve ao fato de algumas cidades, principalmente as cidades com maior crescimento econômico, serem modernizadas com novas técnicas construtivas e materiais enquanto no campo essa otimização demorou mais para acontecer.

Sendo que devido ao crescimento da desigualdade houve um aumento das pressões sociais acarretando como dito anteriormente na história do Japão, na imigração de alguns japoneses para o Brasil em 1908.

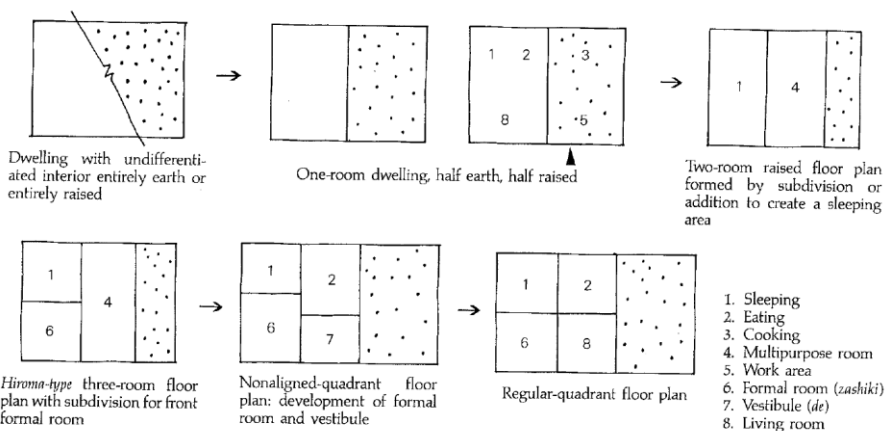


PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

CASAS MINKA

O desenvolvimento da planta das residências Minka se deu inicialmente como algo retangular se desenvolvendo aos poucos para formas mais complexas como vemos a seguir:

88. Established theory of minka floor-plan development.



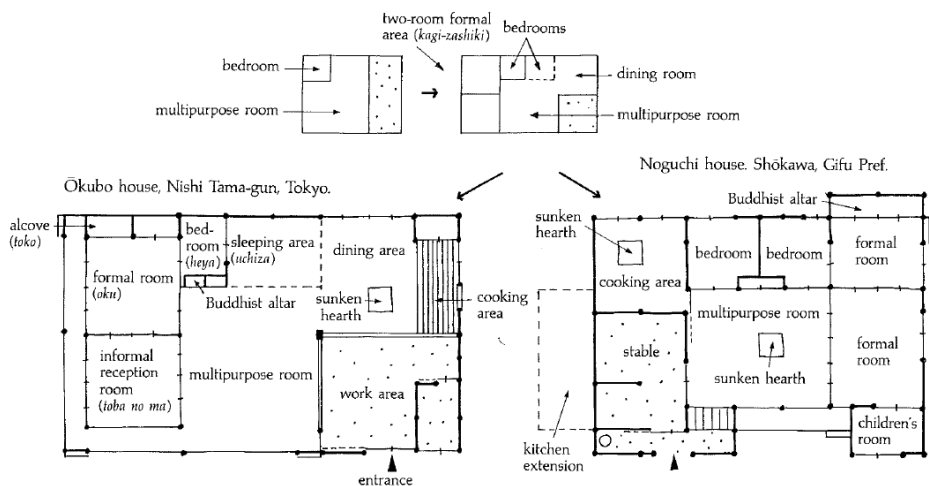
Desenvolvimento das plantas nas casas "Minka".

Fonte: Kawashima, 2000, p.64

A primeira divisão que ocorreu foi a área da cozinha com a de descanso, e então a partir dessa ocorreram outras subdivisões que obedeceram aos aspectos sociais da época, surgindo a sala de visitas, um lugar para o altar budista, sacada, depósito de alimentos e etc.

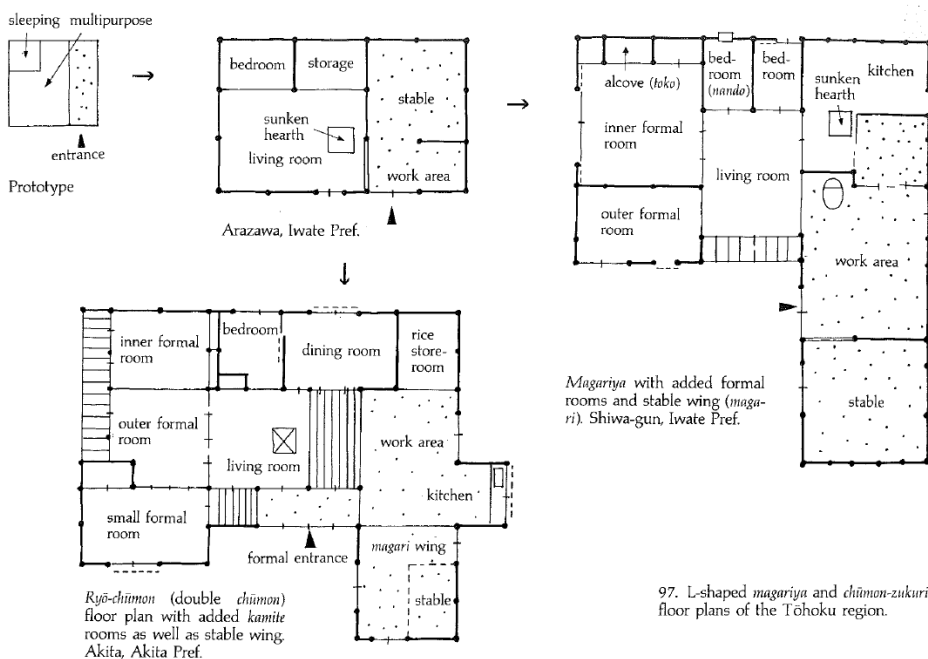
PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

CASAS MINKA



Desenvolvimento das plantas nas casas "Minka".

Fonte: Kawashima, 2000, p. 64



Desenvolvimento das plantas nas casas "Minka".

Fonte: Kawashima, 2000, p.65

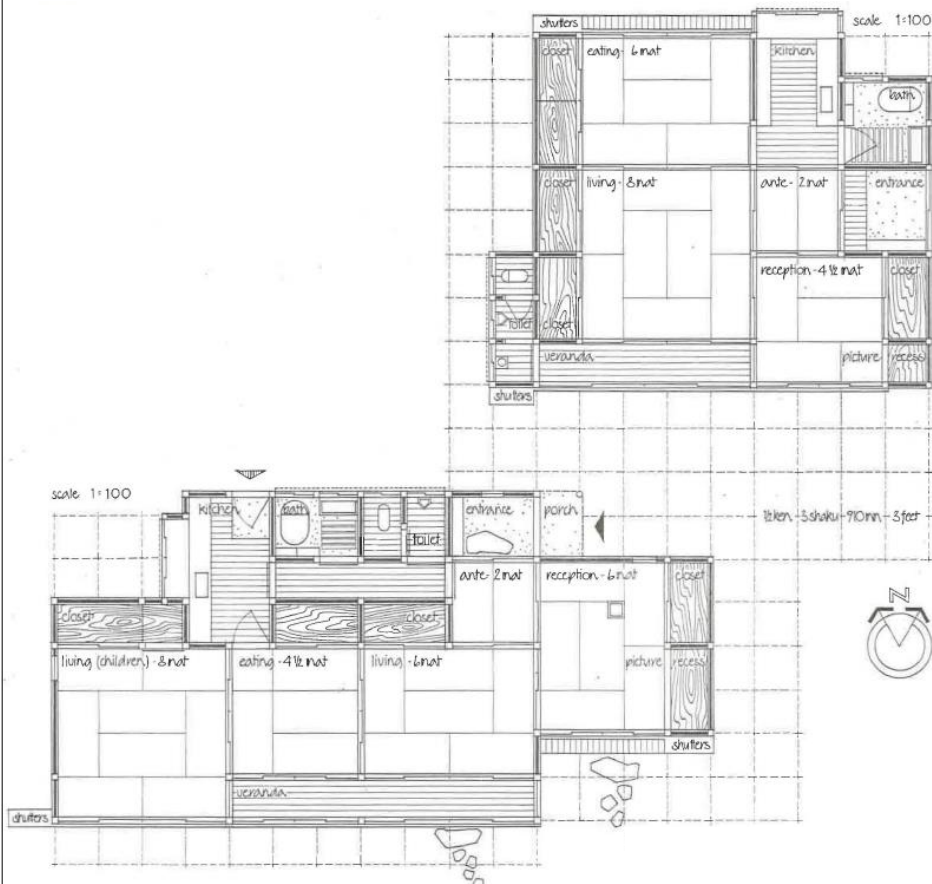
Ao observarmos as plantas das casas “Minka” podemos ver que estas contém todos os aspectos ditos anteriormente como o desnível dos dormitórios com a cozinha, a segmentação em vários ambientes com divisórias móveis, paredes utilizando a técnica “tsuchikabe”, tendo outros elementos construtivos não citados no trabalho, mas que também passaram por um processo de evolução histórica como a inserção de sambladuras, que seriam os encaixes entre as estruturas, os métodos de construção dos diferentes tipos de telhados, tipos de ornamentos, sendo necessário outras pesquisas para observar esses aspectos da arquitetura japonesa.

Uma das características observadas nas plantas é o fato dessas não serem simétricas e os ambientes não seguirem uma lógica organizacional padrão, um dos fatores responsáveis por essa formatação deve-se ao fato dela não ser concebida por um arquiteto, sendo as casas planejadas por marceneiros seguindo a orientação dos clientes, criando essa relação uma habitação com ambientes organizados “randomicamente” mas que eram adequados ao cotidiano de cada família.

Outro fator também importante que auxilia na explicação do formato das plantas se deve a técnicas construtivas utilizadas, sendo que antes de construir, os carpinteiros traçavam linhas ortogonais entre si que formavam uma espécie de “rede” equidistante em meio “ken” (60cm x 60cm), para então implantar a estrutura e a planta da casa como vemos na imagem a seguir:

PERÍODO EDO (1603 D.C. – 1867 D.C.)

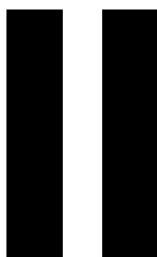
CASAS MINKA



Modulação da dimensão das plantas nas casas “Minka”.
Fonte: Kawashima, 2000, p.64

Com essa modulação dos ambientes em meio “ken” contribuiu para o fato dos ambientes internos adotarem sempre linhas ortogonais. Esse tipo de ambiente foi permitido justamente pelo fato dos pilares que sustentavam a casa também seguirem o mesmo planejamento em “rede”, sendo esta ideia bem moderna, que só foi implementada no ocidente com o advento do modernismo.

Outro fato que achei curioso foi a entrada pela cozinha, tendo as casas pequenas a mesma entrada tanto para moradores como para visitas, enquanto nas casas maiores haveria uma entrada para cozinha, destinado aos moradores, e outra para a sala que era para as visitas, apesar de a entrada pela cozinha não ser aplicada a todas as casas grande parte delas seguiam esse padrão.



Com a definição de acordos comerciais entre Brasil e Japão, em 1908, chegou ao país o primeiro navio contendo 781 imigrantes para trabalharem nas lavouras do interior de São Paulo. Assim que desembarcavam, os imigrantes eram transferidos inicialmente para seis fazendas paulistas (Canaã, Dumont, São Martinho, Sobrado, Floresta e Guataparã), as quais foram, posteriormente, adicionadas outras. **(Handa, 1987, p.19-21)**

Durante a primeira leva de imigrantes japoneses, foram constantes as reclamações por parte desses em relação às más condições de trabalho que envolviam dívidas e os faziam sentir como escravos. Tais reclamações não foram exclusivas dos japoneses, sendo frequentes também entre os imigrantes italianos fazendo com que a Itália cancelasse seu contrato de imigração como o Brasil em 1902 **(Hutter, 1972, p.141)**. Por parte do governo brasileiro, por sua vez, houve a leitura de que os imigrantes japoneses tinham dificuldades de se fixar e adaptar no país ao contrário dos europeus, sendo comum, inclusive, a fuga de imigrantes para outras fazendas ou cidades vizinhas. Em função disso, houve a suspensão do contrato de imigração entre Brasil e Japão, em 1914. **(Correia, 1975, p.20)**

A despeito deste conflito, em 1917, a imigração japonesa foi retomada, porém em outros termos. Além da imigração de mão de obra para as lavouras, foi incentivada também a vinda de colonos por meio da companhia Kaigai Koguo Kabushiki Kaisha (KKKK), **(Hijioka, 2016, p.53)**, cujo intuito era o de distribuir e auxiliar os imigrantes a adquirirem pequenas propriedades rurais a partir da compra pela companhia de quatro fazendas, sendo três localizadas no interior paulista e uma no norte do paraná **(Handa, 1987, p. 15 - 21)**.

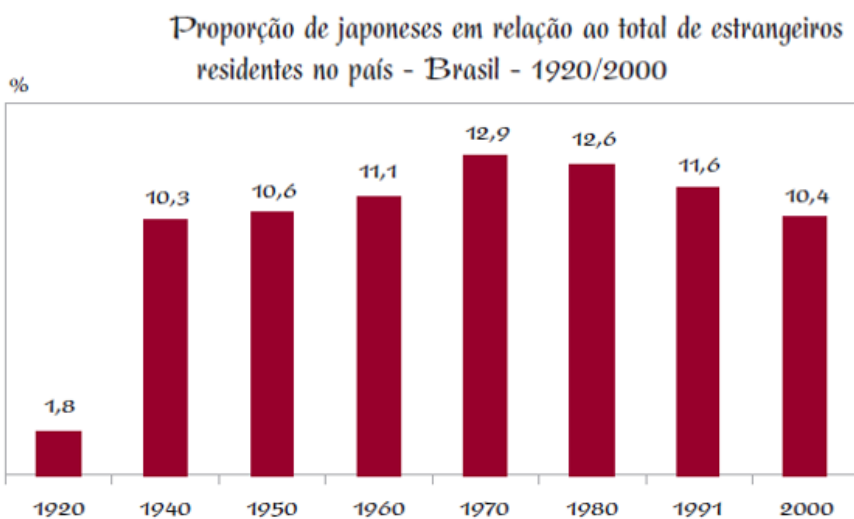
COM POSI ÇÃO IMIGRA NTES

Em relação às características dos imigrantes, um aspecto a ser considerado era que a maioria dos imigrantes japoneses eram agricultores no Japão variando de 80% à 60% entre o período entre 1950 a 1970. No Japão os agricultores eram divididos em sitiantes, sitiantes-arrendatários, arrendatários e empregados, em uma ordem decrescente de status. Havia também os trabalhadores familiares que que trabalhavam sem remuneração. A maior parte dos imigrantes que vieram para o Brasil pertenciam a categoria de sitiantes e seus familiares **(Suzuki, 1995, p.57 - 65)**. Com relação ao sexo e idade dos trabalhadores, a maioria era composta por homens, cuja porcentagem era de 50% a 20% maior do que as mulheres, a maioria deles jovens de até os 30 anos **(Suzuki, 1995, p.57 - 65)**.

Esses aspectos da composição da população japonesa que veio ao Brasil nos dizem muito sobre esses imigrantes, grande parte deles homens jovens que moravam nas zonas rurais, trazendo consigo suas bagagens culturais e de costumes que influenciaram a arquitetura produzida no Brasil, ao mesmo tempo em que se modificaram, assimilando materiais, costumes e características locais.

DES LOCA MEN TOS

No segundo capítulo do livro *Resistência e Integração – 100 anos de imigração japonesa no Brasil*, os autores Nilza de Oliveira Martins Pereira e o Luiz Antônio Pinto de Oliveira, traçam um estudo demográfico dos imigrantes japoneses no Brasil, apontando suas cidades ou regiões de origem e de destino entre 1920 e 2000. Dos 1304 municípios recenseados, somente em 160 deles houve a presença de imigrantes japoneses, o que explica a oscilação da porcentagem de descendentes de japoneses no país entre 10 a 12% da população nacional como observamos no gráfico abaixo:



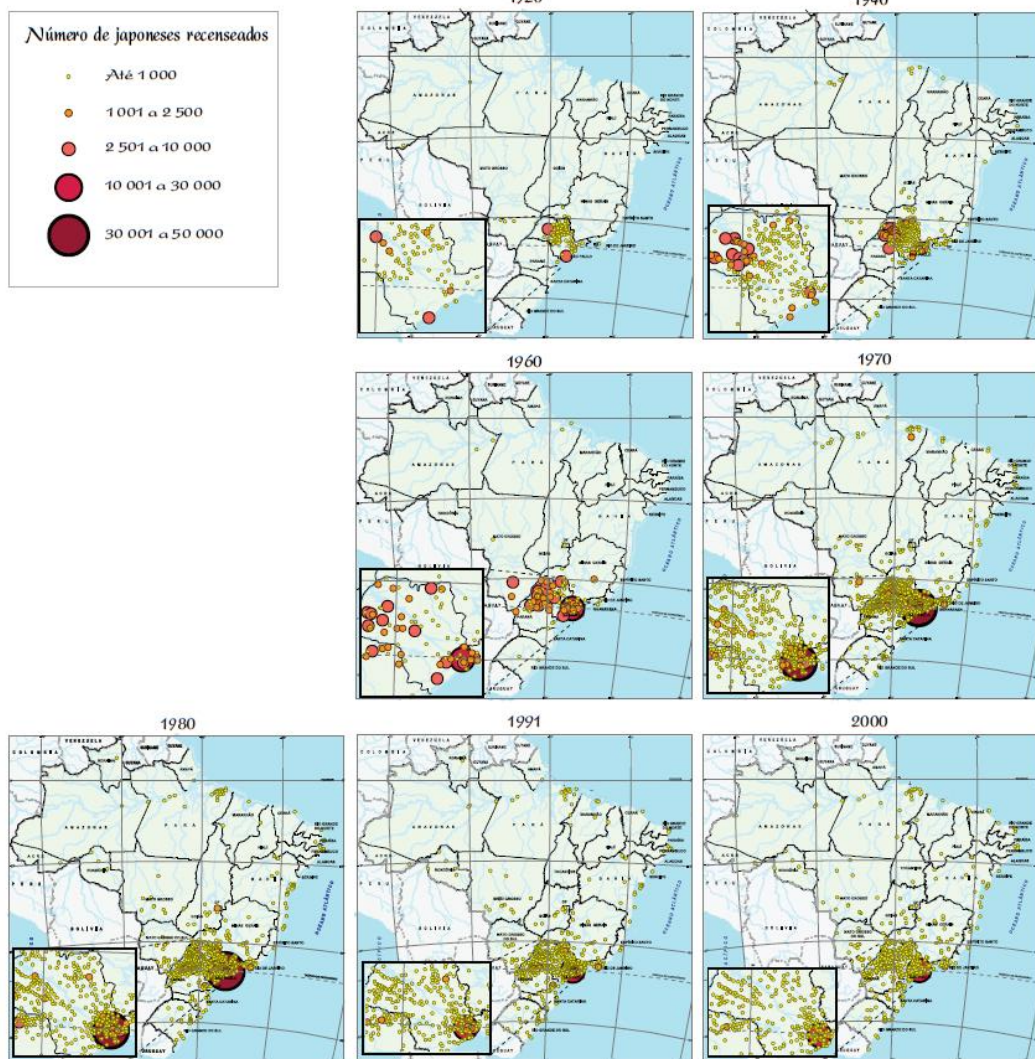
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920/2000.

Notas: 1. Inclusive os naturalizados brasileiros no total de japoneses.

2. A partir de 1960, foram utilizados os microdados dos respectivos censos.

Ao observarem a distribuição espacial dos descendentes de japoneses, os autores viram que a maioria destes se concentram na região sudeste, destacando-se o Estado de São Paulo com a maior concentração, com 72,5% até 91,5% no período de 1920 até 2000. O segundo Estado com mais presença de imigrantes japoneses foi o Paraná, com 2,5% até 18,1% durante o mesmo recorte temporal. Neste Estado, os japoneses se fixaram principalmente na região Norte. Além destes dois Estados, outros locais também tiveram concentrações relevantes de imigrantes japoneses como o de Minas Gerais, com 0,6% até 6,9% distribuídos mais precisamente nas cidades do triângulo mineiro, e também o do Pará, com 0,3% até 2,5%.

Cartograma 1 - Japoneses recenseados no Brasil - 1920/2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920/2000.

Notas: 1. Inclusive os naturalizados brasileiros no total de japoneses.

2. A partir de 1960, foram utilizados os microdados dos respectivos censos.

Tabela 1 - Japoneses residentes no Brasil e distribuição percentual, segundo algumas Unidades da Federação - 1920/2000

Algumas Unidades da Federação	Japoneses residentes no Brasil							
	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
<i>Números absolutos</i>								
Brasil (1)	27 976	144 523	129 192	155 982	158 087	139 480	85 571	70 932
Pará	3	467	421	1 216	3 597	3 046	1 703	1 790
Minas Gerais	1 923	893	917	2 964	1 353	1 923	1 244	1 088
Rio de Janeiro	313	918	1 478	1 794	2 782	3 949	1 808	1 801
São Paulo	24 435	132 216	108 912	115 752	119 338	105 196	63 865	51 445
Paraná	701	8 064	15 393	28 158	21 528	15 771	9 960	7 994
Mato Grosso (2)	510	1 128	1 172	4 940	4 025	2 975	2 290	1 816
<i>Distribuição percentual (%)</i>								
Brasil (1)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Pará	0,0	0,3	0,3	0,8	2,3	2,2	2,0	2,5
Minas Gerais	6,9	0,6	0,7	1,9	0,9	1,4	1,5	1,5
Rio de Janeiro	1,1	0,6	1,1	1,2	1,8	2,8	2,1	2,5
São Paulo	87,3	91,5	84,3	74,2	75,5	75,4	74,6	72,5
Paraná	2,5	5,6	11,9	18,1	13,6	11,3	11,6	11,3
Mato Grosso (2)	1,8	0,8	0,9	3,2	2,5	2,1	2,7	2,6

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920/2000.

Notas: 1. Inclusive os naturalizados brasileiros no total de japoneses.

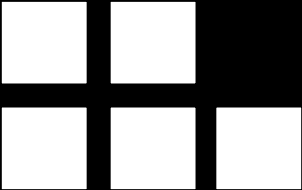
2. A partir de 1960, foram utilizados os microdados dos respectivos censos.

(1) Exclusive os habitantes da região da Serra dos Aimorés, território em litígio entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. (2) Foram agregadas as informações de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul para os anos de 1970 a 2000.

Ao considerarmos esses dados, observamos que a maior parte das colônias japonesas se encontravam no Sudeste, havendo algumas espalhadas no Norte do país. Diante desse levantamento, decidimos estudar duas localidades de grande concentração de imigrantes japoneses, ambas no Sudeste: o norte do Paraná e o Vale do Ribeira. Em ambas regiões os imigrantes se instalaram e construíram suas próprias habitações utilizando a madeira como matéria prima.

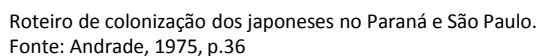
PAR TE 2

A EXPERIÊNCIA DA
IMIGRAÇÃO E MODOS
DE MORAR NO BRASIL



MI GRA ÇÃO

Esta companhia tinha o intuito de ocupar os “vazios demográficos” existentes no Estado, comprando terras, parcelando-as em pequenos pedaços para em seguida revender às pessoas locais com um preço e prazo de pagamento acessíveis a maior parte da população, incluindo os imigrantes japoneses. Outro aspecto importante da atuação da CTNP foi a formação de cidades de maior importância a cada 100km **(Nunes, 2017, p.2)**, propiciando a criação de vários núcleos de assentamento para os novos colonos, como Londrina , Maringá, Cianorte e Umuarama. Os imigrantes japoneses se instalaram também em cidades como Curitiba, em todos os casos desenvolvendo ali uma arquitetura própria que trazia elementos dos costumes japoneses e outros adaptados às condições locais, como veremos, depois de analisar a arquitetura produzida no Paraná e aquela realizada pelos imigrantes neste Estado.



LON DRI NA

Fundada em 1934 por meio do decreto estadual nº 2519 (**Plano Diretor Participativo de Londrina, 2018, p.4**), Londrina foi projetada para ser um dos grandes centros econômicos e prestadores de serviços do Estado, tendo a mesma função de outras cidades fundadas no mesmo período como Maringá, Cianorte e Umuarama, a uma distância, como se apontou anteriormente, de 100 km entre estas.

O primeiro projeto de Londrina, foi elaborado, em 1929, pelo arquiteto e urbanista Alexandre Rasgulaeff, Em seu projeto inicial, a cidade tinha ruas ortogonais que formavam quadras regulares e quadradas em uma área inicial de 4km², tendo ao seu entorno áreas rurais (Fanofski, 2017, p. 225). Essas quadras eram segmentadas em pequenas faixas de terreno a preços acessíveis aos imigrantes japoneses, mas também italianos, alemães, dentre outros como mostra na tabela abaixo



Projeto inicial de Londrina.
Fonte: Janizzi, 2005, P.2835

Brasileiros	1823
Italianos	611
Japonezes	533
Alemães	510
Hespanhóes	303
Portuguezes	218
Polonezes	193
Ukranianos	172
Húngaros	138
Tchecos-Eslovacos	51
Russos	44
Suíços	34
Austriacos	29
Lituanos	21
Yoguslavs	15
Rumenos	12
Inglezes	7
Syrios	5
Argentinos	5
Dinamarquezes	3
Norte Americanos	2
Australianos	2
Suecos	2
Franceses	2
Búlgaros	2
Belgas	2
Liechteinsteinianos	2
Noruegues	2
Indiano	1
Estoniano	1

Composição da população de imigrantes que vieram a Londrina.
Fonte: Silva, 2001, P.398

Por se tratar inicialmente de uma cidade pequena, durante o processo de compra de terreno e construção das casas, os imigrantes se situaram espalhados por toda a cidade. Com a construção do município, não houve o estabelecimento de outro plano que abarcasse o crescimento e expansão de cidade, exceto a proposta de expansão realizada, em 1951, pelo arquiteto e urbanista Prestes Maia (Fanofski, 2017, p.228). Nela, Maia propunha leis para loteamento e arruamento, junto com uma lei de zoneamento, ocasionando a sua apresentação em leis municipais que acarretaram na formação e um plano diretor da cidade em 1968.



A arquitetura produzida pelos habitantes locais e imigrantes no Paraná é caracterizada pela utilização da madeira como matéria prima principal, em função de diversos fatores, em especial

1. A pressa dos imigrantes de se instalarem, tanto na área rural, como na urbana, aliada ao incentivo de ocupação das terras por parte do Estado que oferecia um desconto de 50% na compra do terreno aquele que construísse ali uma habitação.
2. A abundância de madeira na região, aliada a um grande número de serralherias, tornando o preço da madeira acessível a qualquer faixa de renda da população.
3. A facilidade e rapidez construtiva, tornado o preço da mão de obra ao alcance da maioria da população.

Inicialmente, essas casas eram erguidas com o intuito de atender às necessidades básicas de abrigo, sem preocupações com a sua durabilidade, por isso sua ocupação não passavam de um ou dois anos. Levantadas de maneira rápida com estruturas de madeira roliça pré-cortada, com vedação de palmito rachado, assoalho de tábuas e telhado com palha ou madeira, essas casas eram construídas em um período de mais ou menos 10 dias, sem grandes compromissos com a linguagem, como vemos na figura abaixo:



Casas dos primeiros imigrantes.
Fonte: Zanni, 2013, p. 27

Grande parte dessas casas foram feitas por meio da autoconstrução, utilizando tanto a mão de obra especializada dos marceneiros como a de familiares. As soluções simples adotadas eram subordinadas às regras construtivas dos carpinteiros, mas também às sabedorias e técnicas populares trazidas pelos imigrantes. Estas soluções se complexificaram com a padronização e o fornecimento de materiais normatizados que levaram a um melhoramento arquitetônico das casas, tanto do ponto de vista técnico quanto estético. Essa normatização é estudada por Antonio Carlos Zani no livro *Arquitetura em madeira*, no qual são elencadas as peças mais correntes utilizadas na construção das casas de madeira conforme a tabela abaixo:

PEÇA	PERFIL	SEÇÃO (cm)	COMP (m)	ESPÉCIE	BENEF.	UTILIZAÇÃO
VIGA		6x12 6x16	2 à 6,5	Peroba rosa	Serrada	Quadro inferior e superior Barroteamento para assoalho Estrutura do telhado
CAIBRO		6x5 6x7	2 à 6,5	Peroba rosa	Serrada	Enquadramento de portas e janelas, encalbramento telhado, tarugamento para grades, varandas.
TÁBUA		22x2,5 22x2,2	2 à 4	Peroba rosa	Serrada	Vedação vertical (paredes) Vedação horizontal (pisos)
¼ TÁBUA		16x2,2 12x2,2 10x2,2	2 à 4	Peroba rosa	Serrada	Testeiras e empenas
				Cedro	Aparelhada	Molduras- rendilhado
RIPA		5x1,5	2 à 4,5	Peroba rosa	Serrada	Ripamento telhado
				Cedro	Aparelhada	Fechamento vertical e horizontal tipo xadrez
MATA- JUNTA		6x1,2	2 à 4,5	Peroba rosa Cedro Pinho araucária	Serrada ou Aparelhada	Acabamento interno e externo do tabuado vertical e vãos de janelas e portas
¼ TÁBUA MACHO E FÊMEA		10x2	2 à 5	Peroba rosa	Aparelhada	Assoalho
				Cedro		Portas e janelas
LAMBRI		10x1,2 10x0,8	2 à 5	Peroba rosa Cedro Pinho araucária	Aparelhada	Forros e revestimentos de paredes internas
QUADRADO		10x10 12x12	2 à 5	Peroba rosa Pinho araucária	Serrada	Esteios (pé direitos)
BALAÚSTRE		6x3	1,20 m 1,50 m	Peroba	Serrada	Cerca para fechamento do terreno

Tipos de peças utilizadas na construção das casas.

Fonte: Zanni, 2013. p, 63

Fruto deste processo é a “casa da araucária”, estudada por Key Imaguire (2011|). Para o autor, ela se destaca pela técnica construtiva popularmente chamada de “mata-junta. Tal técnica é definida pelo emprego de duas tábuas de madeira interligadas, com cerca de 23 cm, por uma menor, em média com 5cm, que constituem as paredes da casa. Não se sabe da onde se originou essa técnica construtiva, pois ela não era empregada em nenhum país de origem dos imigrantes que se instalaram no Paraná. Este fato leva Imaguire a afirmar que a sua invenção teria sido formulada frente à necessidade de encontrar uma solução prática para a montagem de uma fachada coesa e mais resistente.



Casa de Araucária.

Fonte: Imaguire, 2011, p. 1



Exemplo de “Junta-mata”.

Fonte: Zanni, 2013, p. 34

TIPO LOGI AS

Essa tipologia residencial em madeira, segundo Zani se desenvolveu em três períodos , a partir da terceira década do século XX, assumindo-se em cada um deles características específicas.

TERRA DA PROMISSÃO

(1930 – 1940)

No primeira período (1930- 1940), ainda dentro do momento inicial de instalação dos imigrantes no país daí o nome do período “terra da promessa” – as casa tinham ainda um caráter provisório, definindo-se por volumetrias retangulares, telhados com duas ou quatro águas sem ornamentos nem cores.



1930 a 1940 – **Terra da promessa** – (início da arquitetura em madeira na região).
Volumetria pura acentuada pela geometria dos telhados, quatro e duas águas. Ausência de ornamentos e cor.

Fonte: Zanni, 2013, P.36

ELDORADO (1930 – 1940)

Na segunda era (1940-1970), denominada de “Eldorado”, as casas adquirem uma maior complexidade volumétrica e estética com o acréscimo de ornamentos, texturas e cores. Nota-se também a adição de varanda e escadas, o que denota uma maior preocupação estética e com a durabilidade da habitação.



1940 a 1970 – O Eldorado – (ápice da arquitetura de madeira na região)
Complexidade volumétrica acentuada pela geometria dos telhados. Riqueza de ornamentos e cores.

Fonte: Zanni, 2013, p.36

FIM DO ELDORADO (1970 –)

A terceira era (a partir de 1970), denominada como “Fim do Eldorado”, é marcada pelo retorno da volumetria simples, da ausência de ornamentos e das varandas e da adição de outros materiais industrializados, como o telhado de fibrocimento e as esquadrias metálicas:



A partir de 1970 – O Fim do Eldorado – Simplificação volumétrica, telhados de duas águas com pouca inclinação com telhas de fibrocimento, aos poucos a varanda vai desaparecendo e cedendo lugar as garagens e puxados com ausência total de ornamentos e incorporação de novos elementos como esquadrias grades metálicas.

Fonte: Zanni, 2013, p. 37

ELDORADO (1930 – 1940)

1 CASA LUSO BRASILEIRA Segundo Imaguire o período de maior interesse arquitetônico é o do da era do “Eldorado”, quando se desenvolveram cinco variações tipológicas:

Uma variação tipológica que remonta às construções do período colonial com seus telhados de suas águas, uma desaguando para a frente e o outra para fundo do terreno.



Exemplos de casa Luso-brasileiras.
Fonte: Zanni, 2013, p. 101-122

ELDORADO (1930 – 1940)

2 CASAS DA IMIGRAÇÃO: uma tipologia mais utilizada pelos imigrantes que chegavam ao Paraná, sendo que a sua característica mais predominante era o formato do telhado com águas voltadas para as laterais do terreno.



Exemplos de casas da Imigração.
Fonte: Zanni, 2013, p. 101-122

ELDORADO (1930 – 1940)

3

TELHADO DE QUATRO ÁGUAS: esta tipologia se deve mais à uma alteração da “casa do imigrante”, contendo também uma volumetria simples, mas com a diferença era a de ter uma cobertura com quatro águas.



Exemplos de casas com telhado de quatro águas.
Fonte: Zanni, 2013, p. 101-122

ELDORADO (1930 – 1940)

4

CASA COM CHANFRO: tipologia marcada pelo corte nas extremidades da cumeeira à 45° em relação ao plano, realizado apenas por uma função estética.



Exemplos de casas com Chanfro.
Fonte: Zanni, 2013, p. 101-122

ELDORADO (1930 – 1940)

5

CASAS MODERNISTAS: essa tipologia com os tipos anteriores, pois apresenta várias águas no telhado desencontradas em um jogo de planos inclinados que dinamiza a volumetria. Outro aspecto que distingue esta tipologia é a utilização das esquadrias metálicas.



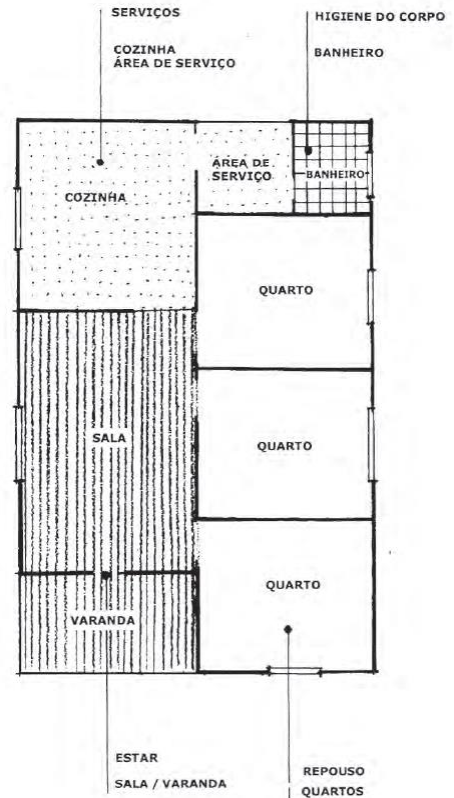
Exemplos de casas modernistas.
Fonte: Zanni, 2013, p. 101-122

ESPA ÇOS INTER NOS

Essa tipologia residencial em madeira, segundo Zani se desenvolveu em três períodos , a partir da terceira década do século XX, assumindo-se em cada um deles características específicas.

Do ponto de vista da disposição espacial, estas tipologias se organizam, conforme Zani, em quatro zonas:

1. **Zona de estar:** composta basicamente pela sala de estar e varanda, que são os locais utilizados para a socialização e recebimento de visitas.
2. **Zona de repouso:** constituída basicamente pelos quartos que estão ligados diretamente com a sala de estar ou a cozinha.
3. **Zona de serviço:** formada pela cozinha e, em alguns casos, a despensa. Esta zona é a mais propícia a mudanças tanto de layout como dos elementos que a compõe, mudando tanto os equipamentos como a inserção do fogão e geladeira, como os materiais.
4. **Zona de higiene:** local é o que geralmente recebe menos importância em relação aos outros ambientes, estando geralmente localizado no fundo do quintal com uma construção separada, ou então nos fundos das áreas de serviço quando este se situa no interior da casa.



Zonas nas casas de madeira.
Fonte: Zanni, 2013, p. 37

Se em linhas gerais todas as habitações se organizam nestas quatro zonas, de modo específico é possível notar diferenças entre elas que criam, ainda segundo Zani, quatro tipos específicos conforme:

1. A geometria da planta – formato e dimensão.
2. O número de aposentos e seu posicionamento.
3. O posicionamento do banheiro.
4. O posicionamento da varanda.

Dentro de um mesmo tipo também ocorriam variações, diferenciando estas conforme os seguintes aspectos:

1. Articulação dos aposentos.
2. Posicionamento do banheiro.
3. Posicionamento da varanda.

Considerando essas variações, em termos da disposição espacial, notam-se quatro tipos exemplificados nas figuras ao lado:



Tipo 1



Tipo 2

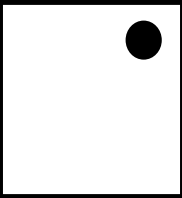


Tipo 3



Tipo 4

Tipos de casas de madeira.
Fonte: Zanni, 2013, p. 96



ESPA ÇOS INTER NOS

Com relação as casas feitas pelos imigrantes japoneses, as diferenças obtidas nessas habitações com relação às demais casas produzidas no Estado recaem na presença de um ambiente chamado “ofurô”, destinado a higiene pessoal, e de um local nomeado de “guenkan”, que substituiu o espaço da varanda.

Embora do ponto de vista espacial, o “guenkan” não se diferencie radicalmente da varanda, notam-se diferenças na sua ornamentação, cujos elementos remontam, pelo menos em alguns aspectos, à cultura japonesa. O espaço destinado também ao descanso, em função da presença desses elementos alcança um sentido simbólico diverso, uma marca identitária individual e de origem que justamente por compor uma parte da fachada, demonstra um aspecto cultural tanto de identificação como de nostalgia do imigrante japonês.

O ambiente “ofurô” se distingue do banheiro “WC” pelo fato de, além de ser utilizado como local para limpeza, é também um espaço destinado ao descanso. Essa dupla funcionalidade algo que o distingue do ambiente “guenkan” apesar de ambos terem um aspecto simbólico que remete a cultura japonesa.



Planta padrão da região de Londrina, Pr

Planta padrão adaptada pelos imigrantes japoneses

Plantas dos imigrantes japoneses e dos demais imigrantes.

Fonte: Zanni, 2013, p. 223

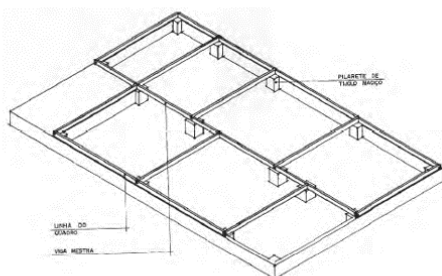
CONS TRU ÇÃO

Em relação às técnicas construtivas das casas dos imigrantes japoneses, esta não se diferenciava em quase nada comparado a casas de feitas no entorno por outros imigrantes ou mesmo pela população local. Dessa forma, também os imigrantes japoneses utilizavam a vedação com o sistema chamado mata-junta , embora com um maior número de sambladuras.

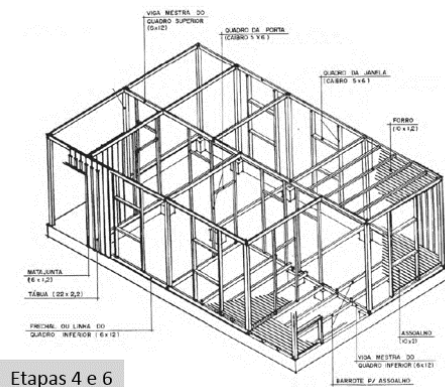
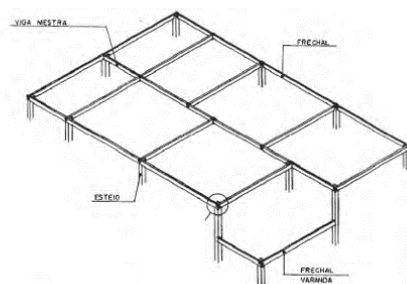
No que se refere à construção da casa, também nota-se a semelhança com relação à estrutura e à cobertura e às etapas construtivas que seguem os seguintes passos.

1. Construção da fundação, utilizando geralmente tijolos maciços sobre os quais se apoiava o quadro inferior de madeira.
2. Formação do quadro inferior, utilizando-se de barrotes, vigas e tábuas de madeira.
3. Construção dos pilares de madeira para erguer o quadro superior composto por vigas, frechal e esteio.
4. Edificação dos quadros da portas e janelas para a instalação das mesmas.
5. Construção da estrutura do telhado, formando geralmente tesouras como forma estrutural.
6. Vedação da casa utilizando o sistema de junta-mata e a inserção das telhas.

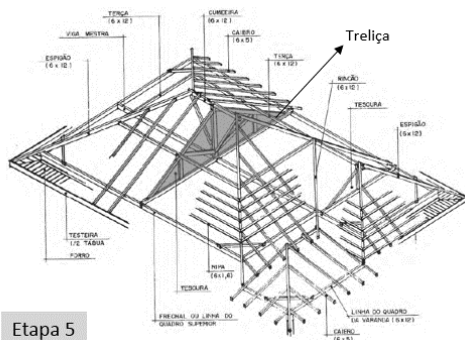
Etapas 1 e 2



Etapas 3



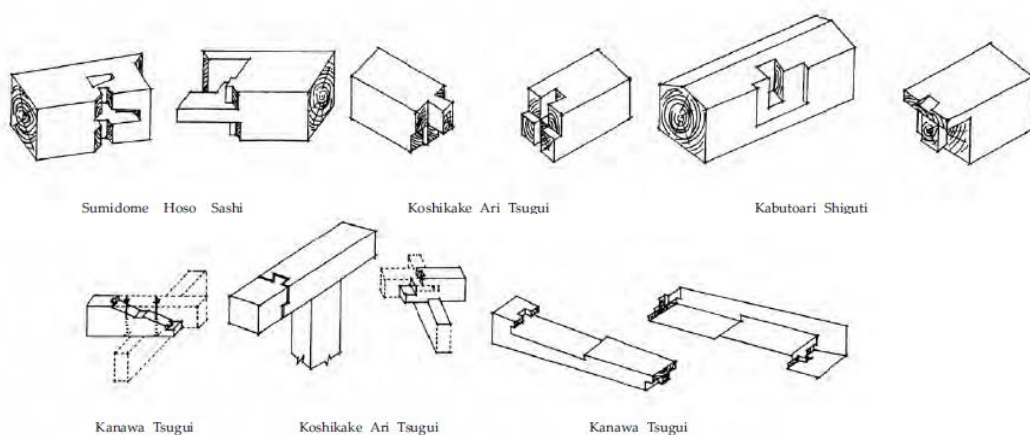
Etapas 4 e 6



Etapas 5

Etapas de construção.
Fonte: Zanni, 2013, p. 223

Se do ponto de vista dos materiais e das etapas construtivas há semelhanças entre as habitações dos demais grupos e o dos japoneses, estas se diferenciavam pela utilização das sambladuras, considerada como a união de mais de uma peça de madeira sem a utilização de pregos, conforme vemos na figura abaixo:

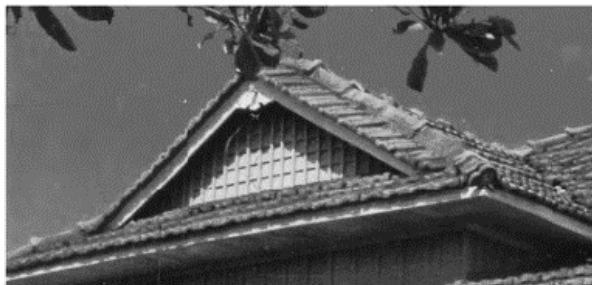


Exemplos de sambladuras.
Fonte: Zanni, 2013, p. 248

ORNA MEN TOS

Nota-se também, como uma especificidade da arquitetura produzida pelos imigrantes japoneses no Paraná, a presença de ornamentos, assim classificados:

Cobertura Irimoya: Ornamento localizado no frontão na fachada da habitação, exemplificada nas imagens abaixo:



Irimoya – Travessa JK, 2 – Londrina PR
Foto: do autor, 1982



Irimoya – Rua Aníbal Caribaldi, 83 – Londrina PR
Foto: do autor, 1996



Irimoya – Av. Presidente Bernardes – Rolândia PR
Foto: Faraz Behmozi, 1994



Irimoya – Rua Mangape, 234 – Londrina PR
Foto: do autor, 1997

Exemplos de ornamentos na cobertura.

Fonte: Zanni, 2013, p. 229 - 245

Ranma: Rendilhado que emoldura a varanda, conforme as imagens abaixo:



Ranma – Rua Alagoas, 734 – Londrina PR
Foto: do autor, 1997



Ranma – Rua Paes Leme, 271 – Londrina PR
Foto: do autor, 1997



Ranma – Rua Bahia, 213 fundos – Londrina PR
Foto: do autor, 1997

Exemplos de ornamentos na varanda.

Fonte: Zanni, 2013, p. 229 - 245

Onigawara: elemento decorativo, geralmente construído em cimento, que se localiza no topo do frontão das casas, conforme imagens abaixo:



Onigawara kaikan – Colônia Lorena – Cambé
Foto: Cesar Cortez, 1993



Irimoya – Rua Anita Garibaldi, 83 – Londrina PR
Foto: do autor, 1996



Irimoya – Av. Presidente Bernardes – Rolândia PR
Foto: Faraz Behnozi, 1994



Irimoya – Rua Rio Grande do Norte – Londrina PR
Foto: do autor, 1997

Exemplos de ornamentos no frontão.
Fonte: Zanni, 2013, p. 229 - 245

Apesar de não serem tão comuns nas casas dos imigrantes, estes ornamentos são, em grande medida, uma reinterpretação dos elementos da cultura japonesa vistos acima, notadamente os produzidos nos grandes templos e castelos. Sua presença aponta, nas palavras de Imaguire, um sincretismo arquitetônico, caracterizado pela apropriação e transformação de técnicas e de conjunto de saberes populares para a criação de uma casa contendo alguns elementos da cultura japonesa.

BU TSU DAN

Após a expulsão dos cristãos, dos quais vieram ao Japão em 1549, no início do período Tokugawa (1603 – 1868), o xógum em exercício estabeleceu o sistema de patronagem que tinha o intuito de acabar com os cultos cristãos e submeter todos os japoneses ao budismo.

Uma das consequências desse novo sistema foi obrigar todos cidadãos possuírem um “butsudan” no interior de suas habitações comprovando serem budistas, sendo essa medida uma das que contribuíram para o estabelecimento e expansão do budismo no Japão que foi mantida pelos migrantes japoneses até a sua chegada ao Brasil. **(André, 2016, p.446)**

O butsudan, cujo significado é “altar para o Buda”, se resume a um pequeno santuário onde se era realizado cerimônias aos falecidos, em que eram feitas oferendas e rezas algumas datas específicas, sendo estas após uma semana da morte do ente, outra um mês após, três meses, seis meses durante o primeiro ano e após isso seria a cada ano.

Sendo o butsudan dividido em três partes: **(André, 2016, p.446)**

- A parte superior e que abrange grande parte do santuário se chama “Gohonzou” onde se localiza o altar com a imagem do Buda.
- A segunda parte, são os elementos chamados de “ihai”, situados no interior do “Gohonzou” onde eram gravados os nomes dos falecidos.
- E a parte inferior, o “Butsugu” sendo as gavetas em que eram depositados os equipamentos a serem utilizados para as cerimônias ou rezas.



Área do “gohonzou”

Fonte: <https://www.liveauctioneers.com/butsudan>



Área do “Butsugu”

Fonte: <https://www.liveauctioneers.com/butsudan>



Exemplo de um do “Ihai”

Fonte: <https://www.liveauctioneers.com/butsudan>

Com a vinda dos imigrantes japoneses ao Brasil, houve um medo de represálias aos japoneses em relação a sua religião, para contornar esse problema, as autoridades japonesas e as companhias de imigração recomendavam aos imigrantes, a conversão ao catolicismo como uma segunda religião e também não era aconselhado o proselitismo do budismo.

O fato dos imigrantes japoneses terem duas religiões, contribuiu para a ocorrência do sincretismo religioso entre os migrantes, algo que refletia em suas casas, não sendo incomum encontrar ao lado do “butsudan” uma estátua de “nossa senhora” ou a bíblia.

Em relação ao local de instalação do “butsudan”, este era geralmente localizado no quarto, sendo que os motivos inferidos por mim de que este é um ambiente privado com o uso frequente.

A privacidade é necessária, pois o “butsudan” é entendido com um pequeno túmulo em que se situavam os nomes e fotografias dos familiares que faleceram e a necessidade de situar em um ambiente de uso frequente se deve ao fato das oferendas serem feitas com alimentos, das quais devem ser deixadas por algum tempo para o espírito do falecido e depois retirada, evitando assim de se esquecer a oferenda e gerar moscas na casa.

Com o passar do tempo, as gerações mais novas foram perdendo a ligação religiosa com o budismo, sendo tanto os conhecimentos como as práticas budistas para o “butsudan” foram aos poucos esquecidas, não sendo incomum as novas gerações não saberem o que fazer com o altar herdado, doando muitos para museus, ou então jogando fora nos lixos.

OFU RÔ

Como dito anteriormente, no período Medieval (1192 – 1603) iniciou-se a construção de casas de banho comunais que a população utilizava para a sua higiene pessoal.

Levando estes a construírem dois tipos de casas de banho “onsen” e “sento”. (Wynn, 2014, p. 62)

Ambas casas de banho tinham as mesmas funções e ambientes, com a diferença que o “onsen” se situa em locais com termas naturais, enquanto os “sento” compõem-se de locais construídos artificialmente.

Com a adoção das casas de banho no Japão, estas passaram a se tornar parte da cultura japonesa, que atrelava o banho tanto a higiene, como a lavagem do corpo e seus benefícios à saúde, como também conectavam esse ato a ritos religiosos de purificação da alma caso o banho nesses ambientes fosse regular. Com a popularização dessa prática entre os habitantes, não demorou muito para que o Japão considerassem o banho em um “onsen” ou “sento” como práticas de identidade nacional, algo que fez com que, posteriormente, os a população passasse a implantar o “ofurô” em suas casas, que simulava em uma escala menor o ambiente “sento”. **(Wynn, 2014, p. 66)**

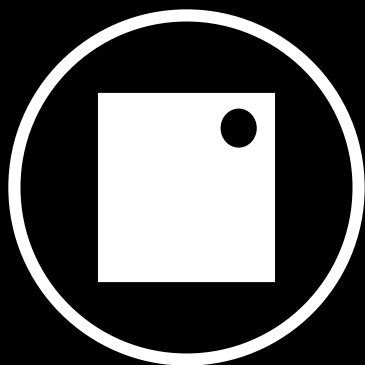
Essa prática de se banhar em uma casa de banho também refletiu na narrativa zen budista do Japão, utilizando o banho não somente como uma prática de higiene pessoal, mas como um ato para contemplação e descanso após os afazeres.

Com a vinda e o estabelecimento dos imigrantes ao Brasil em 1908, houve um choque cultural entre os imigrantes e o país em que se estabeleceram. Com isso os imigrantes não encontravam muitas opções de lazer após o trabalho, restando apenas duas. A primeira foi por meio da comida, consumindo arroz e verduras refogadas ou em conserva que remontavam os alimentos de sua terra natal e a segunda foi o banho de “ofurô”, utilizando como um momento de descanso após o trabalho.

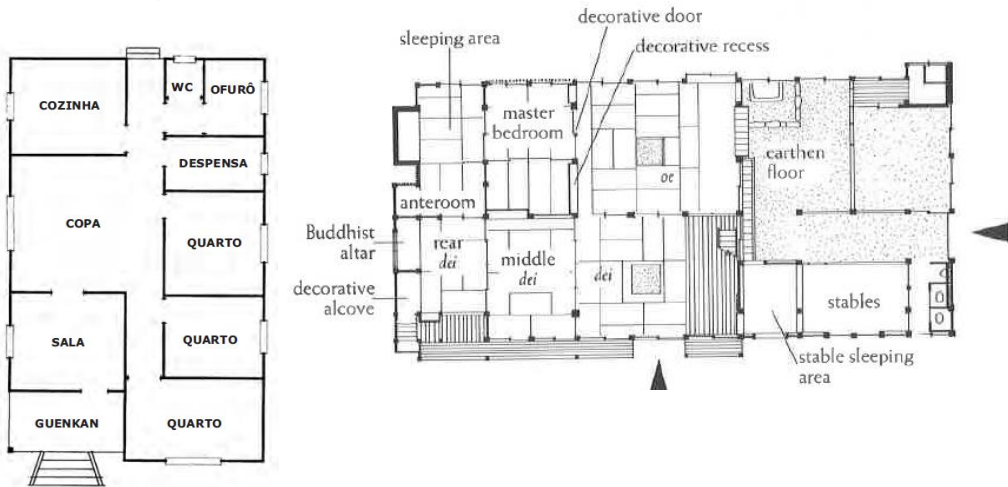
(Ikari, 2005, p. 74)

Apesar de não ser algo frequente, os imigrantes sempre tentavam utilizar o ofurô uma vez ao mês, construído na maior parte das vezes em tonéis de madeira ou metal. Com o passar do tempo, o banho com ofurô no Brasil passou a adquirir cada vez menos caráter religioso ou nacionalista, sendo considerado mais como uma prática mais utilizada para o relaxamento.

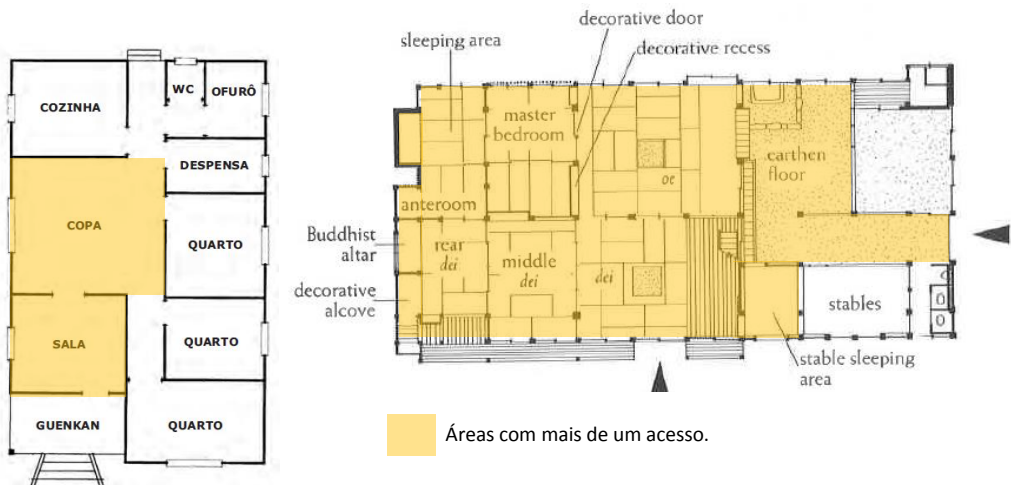
Assim como o “butsudan”, essa prática de banho em um “ofurô” não é mais reproduzida pela geração mais jovem, tendo estes mais integrados a cultura ocidental do país, e perdendo aos poucos o laço com a cultura japonesa dos seus pais ou avós.



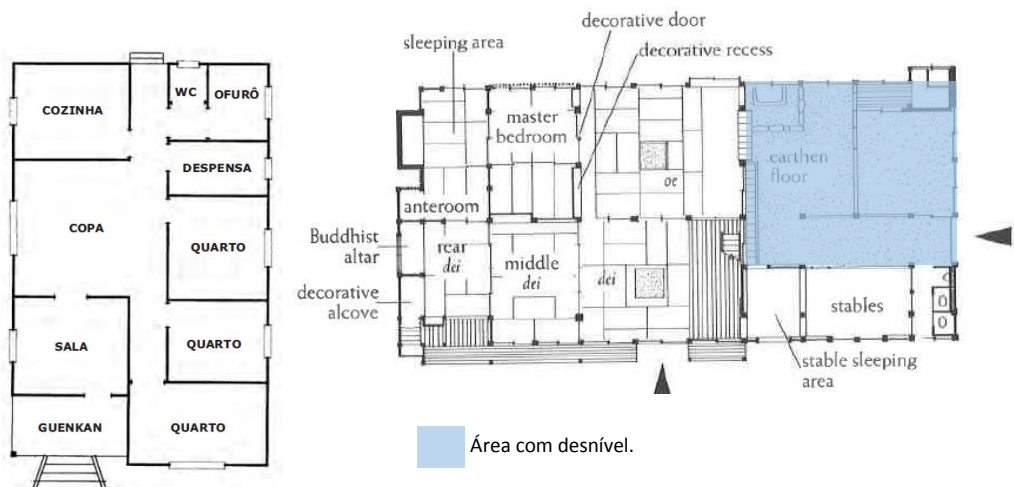
Ao observarmos as casas dos imigrantes japoneses com as casas “minka” vemos pouca semelhanças em relação ao formato da planta como vemos abaixo:



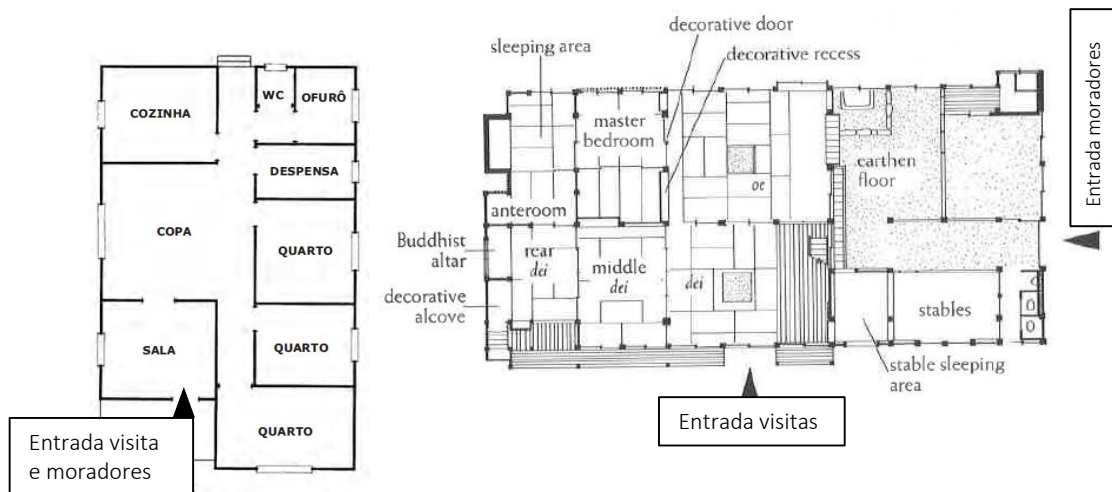
No que se refere as diferenças entre as plantas de uma casa e outra, um fato que observamos é a não permeabilidade dos espaços, tendo as casas “minka” acessos mais livres e conectados com dois ou mais entradas comparado as casas dos imigrantes, da qual a maior parte dos ambientes tinham uma passagem de acesso.



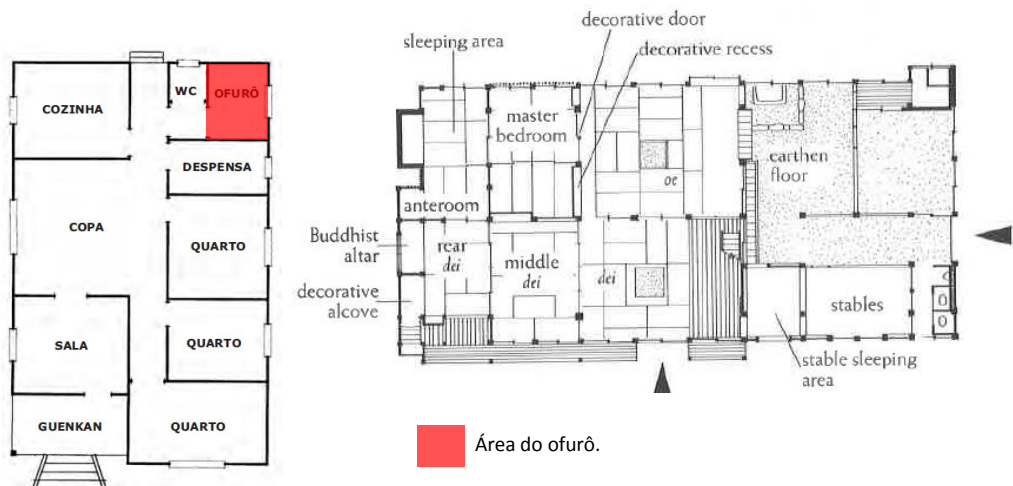
Outro aspecto distinto se deve ao desnível da cozinha com outros ambientes, não presente nas casas dos imigrantes no Paraná. Nesta forma todos os ambientes estão no mesmo nível. Nota-se a ausência do piso em terra batida nas casas “minka”, tendo das casas dos imigrantes geralmente pisos de tijolos.



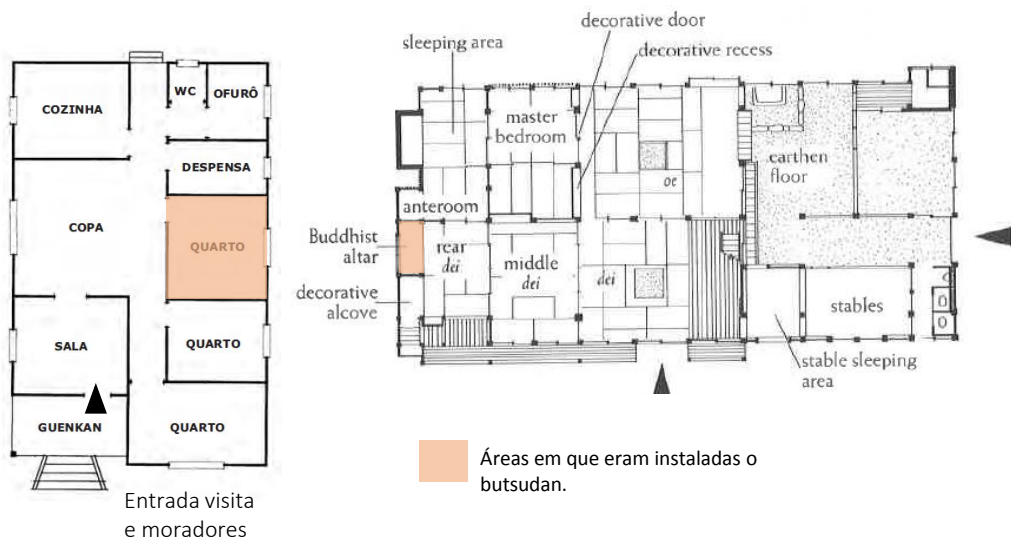
Uma característica já apontada anteriormente era referente a entrada das casas. Nas casas “Minka” ocorria a presença de dois acessos, uma dando para a sala, utilizada quando há visitas, e a outra direcionada a cozinha utilizada mais pelos moradores, enquanto nas casas dos imigrantes tinha uma mesma entrada tanto para visitas como aos moradores.



Como dito anteriormente, os japoneses tinham o costume de se banhar em casas de banho, como o “onsen” e “sento”, não havendo “ofurô” no interior das suas habitações. Como no Brasil não tinha a presença das casa de banho, esses utilizavam o “ofurô” para se banharem e descansarem.



Um outro aspecto que tem certas semelhanças com a cultura japonesa é a instalação do butsudan. Sendo um altar budista, nas casas “minka” havia um nicho específico para a sua instalação, enquanto nas casas dos imigrantes este era instalado geralmente em um dos quartos.



Esses aspectos discrepantes nas casas dos imigrantes com as casas “minka” podem ser compreendidos pela fusão da “cartilha dos imigrantes”.

Durante a viagem do Japão ao Brasil, cartilhas e manuais com explicações sobre as condições de moradia no novo local e os cuidados com a saúde e alimentação que eles deveriam ter. Dentre as cartilhas que ficaram mais famosas, destacam-se as “Cartilha do imigrante” e a “Orientações sobre a construção de casas em colônia de região subtropical” que continham informações sobre os procedimentos iniciais de construção da casa, tais como a escolha ideal do lugar de implantação da casa, em função da orientação solar e do tipo de solo, bem como dos materiais disponíveis no local, até os cuidados com o paisagismo.

Dentre essas orientações, um dos tópicos foi o relativo a construção das casas de madeira, sendo que para a construção desta, a cartilha orientou a inserção dos seguintes materiais. (Yamaki, 2008.,p.2)

- Pisos: devem ser de tijolos.
- Cobertura: deve ser feita por uma treliça de madeira nada especial, porém resistente.
- Paredes: Tendo em vista aspectos sanitários e estéticos, o refeitório e o quarto devem ter paredes de madeira fixadas interna e externamente, sendo as paredes externas com mata-junta em todos os cômodos com forro.

Também nessa cartilha continha de como deveria ser a distribuição espacial interna tendo os seguintes recomendações (Yamaki, 2008, p.56)

“A sala deve ter acesso direto através da varanda. Em dias de calor, a porta da sala permitirá uma boa ventilação...”

“No caso de visitas, os familiares poderão utilizar a varanda para acessar o refeitório e depois dirigir-se para o quarto ou sala...”

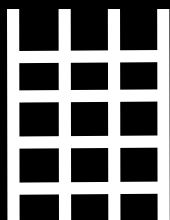
Essas recomendações nos dão uma explicação sobre ao fato das casas dos imigrantes japoneses não terem muitas semelhanças com as habitações “minka”, pois além do fato de não terem os materiais ou técnicas necessárias, também haviam aspectos locais de higiene e clima da qual era novo aos imigrantes, preferindo estes em geral, seguirem as recomendações tidas na cartas na construção de suas casas.



Ao olharmos a história, observamos que desde o século 15 houve uma ocupação no Vale do ribeira, fundando no século XVI os povoados de Cananéia e Iguape.

No século XVII, com a descoberta do ouro na Serra de Paranapiacaba, houve uma imigração de garimpeiros para a região do Vale do Ribeira, sendo que com a alta necessidade de mão de obra para esses locais, houve um aumento da população negra e mulata pelo fato deste período ainda era marcado pela escravidão. Essa descoberta levou na formação de várias outras cidades no Vale do Ribeira, das quais prosperaram até a diminuição de ouro na região e a descoberta desse em outras regiões como em Minas Gerais, ocasionando essa notícia em uma emigração de pessoas para Minas e gerando um enfraquecimento econômico do local que levou a sua decadência.

Com o advindo da economia cafeeira, o governo paulista realizou estudos de novos locais para a implantação de lavouras de café, estabelecendo por meio desses o Vale do Ribeira como um dos espaços a ser implementado novas fazendas baseadas na mão de obra imigrante. Fazendo com que em 1911, através do projeto de lei estadual número 1299, permitida a criação de um fundo para auxiliar os imigrantes a se estabelecerem no estado, sendo que por meio desse, firmou-se um acordo com a empresa “Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha” (KKKK), era responsável pela viagem e a adaptação dos imigrantes no país, KKKcriou uma infraestrutura para a instalação dos futuros imigrantes.



Fruto de um hibridismo entre os costumes japoneses e as disponibilidades e a cultura local, a arquitetura produzida por estes imigrantes no Vale do Ribeira se desenvolveu, na leitura e Tomo Handa, (1987) em três fases:

1. A primeira fase, como vimos em relação ao Paraná, é também de construções temporárias, abrigos temporários construídos com a derrubada da mata e a utilização de tronco de palmeiras para a estrutura e sapê ou outro tipo de folhagem vegetal para a cobertura. O chão era de terra batida.
2. A segunda fase se decorre da ampliação e melhoria deste abrigo inicial, com o aprimoramento das paredes de barro e a troca da cobertura de palha, por telha cerâmica ou de madeira. O chão permanece ainda de terra batida.
3. A terceira fase, é caracterizada pela construção de uma casa ideal com tijolos de barro, cobertura de telha cerâmica e adoção de assoalho no piso.

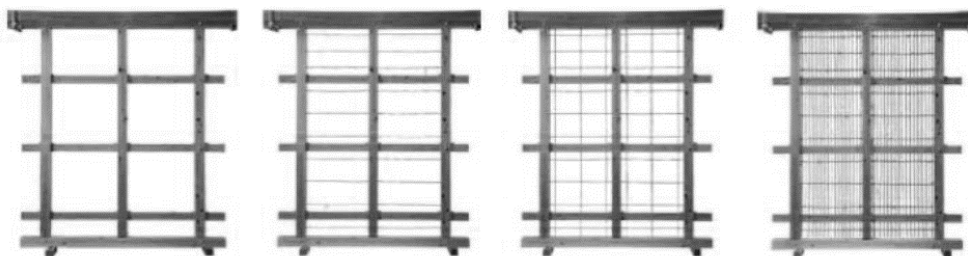
Apesar dessa regra de progressão valer para algumas casas de imigrantes japoneses, a maioria delas paravam na segunda fase de construção, com a diferença de que as paredes de barro tinham maior durabilidade, graças ao emprego sistema descrito como “Tsukikabe”.

TÉC NICA CONS TRU TIVA

“Tsuchikabe”, cuja tradução do japonês é “parede de terra”, remonta a mais de 1300 anos, conforme Akemi. Sua técnica combina vedação que se utiliza de terra misturada a palha a estrutura auxiliar de madeira e bambu, sendo, como se nota, similar à técnica construtiva local chamada de pau-a-pique ou taipa de mão. Como no caso brasileiro, na técnica japonesa de “tsuchikabe” construía-se primeiro a estrutura sobre a qual se aplicava o barro, conforme as seguintes etapas:

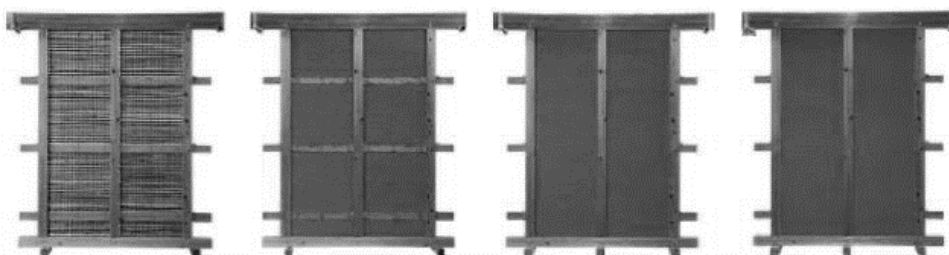
1. Preparação da ossatura
2. Preparação do barro
3. Aplicação do barro – primeira camada
4. Tratamento da interface
5. Regularização da superfície
6. Aplicação da camada final

Em relação ao primeiro passo, a ossatura era construída por madeira e após a construção desta era feita uma outra estrutura de apoio utilizando bambu que era utilizada para a fixação do barro, sendo que a construção seguia a lógica demonstrada na imagem abaixo:



Etapas da construção de um tsuchikabe.
Fonte: Hijioka, 2016, p. 35

O barro era outro aspecto importante a ser considerado na construção japonesa, tendo este todo um tratamento que demorava de três meses a um ano, ocorrendo todo um processo de fermentação da matéria, que contribuía para a sua maior durabilidade, sendo que a aplicação desse material decorre de acordo com a imagem abaixo:



Etapas da construção de um tsuchikabe.
Fonte: Hijioka, 2016, p.41

Ao emigrarem para o Brasil, os japoneses passaram a adaptar a técnica japonesa de “tsuchikabe” de acordo com os materiais contidos no novo local, substituindo a malha estrutural antes executada em bambu pela palmeira juçara, e o barro do qual passava por vários meses fermentando foi substituído por uma mistura de barro com palha que era aplicado na estrutura logo em que era misturado, sendo que esse conhecimento de que matéria utilizar para a construções de suas habitações foi extraído por caboclos que já habitavam na região, tendo abaixo um exemplar de como era feita a ossatura de palmito em que se aplicava o barro:

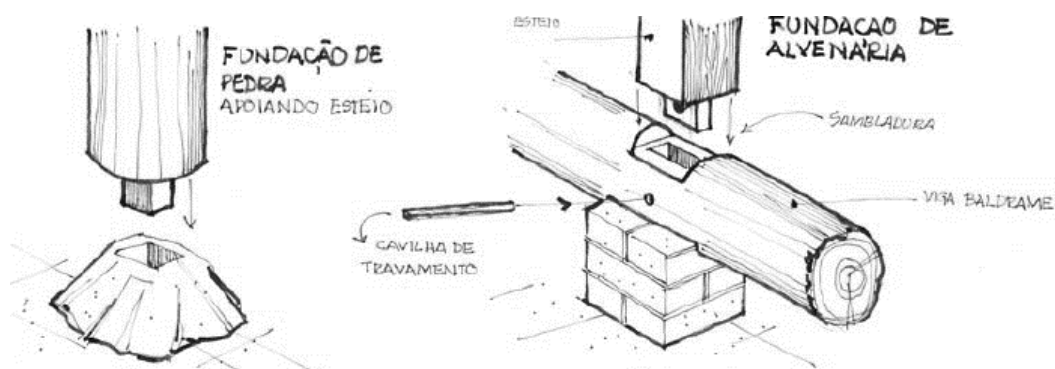


Exemplo de um Tsuchikabe no Brasil.
Fonte: Lie, 2013, p.126

Um aspecto importante a ser considerado pelas estruturas e vedações seria sobre os saberes de quais materiais utilizarem, sendo que apesar de os imigrantes japoneses terem dominado uma técnica construtiva, nada adiantaria caso o material não facilitasse, adquirindo esse conhecimento sobre quais materiais utilizariam para a construção de suas habitação com comunidades que já habitavam o local por séculos, sendo estas as ribeirinhas, quilombolas e caboclas. Esse aspecto fez com que criasse algo híbrido entre o conhecimento caboclo com o dos imigrantes japoneses, sendo possível uma comparação entre as técnicas construtivas utilizadas no Japão, com as executadas no Vale do Ribeira.

Similar à construção de muitas obras vernaculares feitas no Brasil, o projeto das moradias dos imigrantes no Vale do Ribeira era fruto da relação entre carpinteiro/ construtor e morador. O carpinteiro, nomeado “daiko”, traçava um esboço de como seria a casa em um pedaço de madeira ao lado do cliente. Uma vez definido o desenho da planta da casa, o carpinteiro pedia a quantidade de peças e a dimensão destas, por isso, não registros de plantas das residências na região.

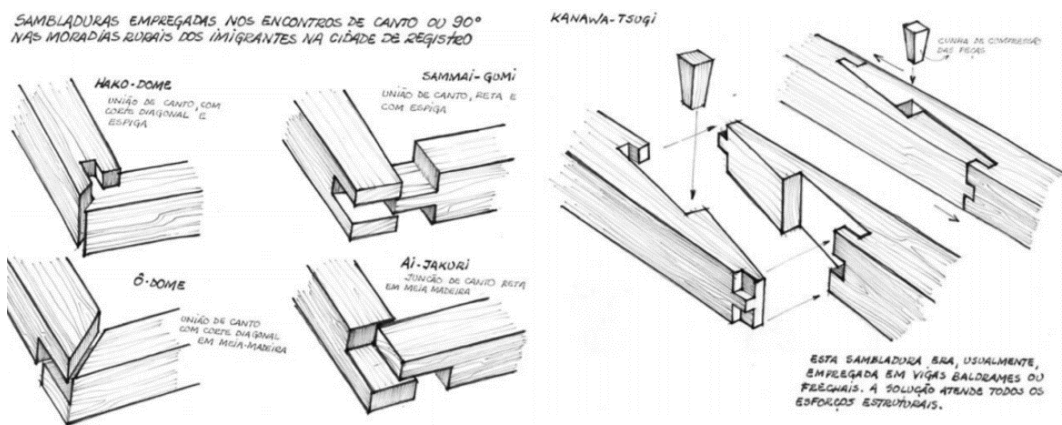
Em relação às etapas de construção, as residências eram pela fundação, seguida da estrutura, geralmente de madeira, e depois das vedações, em barro, e da cobertura. No que se refere à fundação das casas, esta era basicamente composta por pilares enterrados no solo que podiam ser travados por baldrame ou não e maiores para elevação do piso elevado.



Exemplo de um Tsuchikabe no Brasil.
Fonte: Lie, 2013, p.126

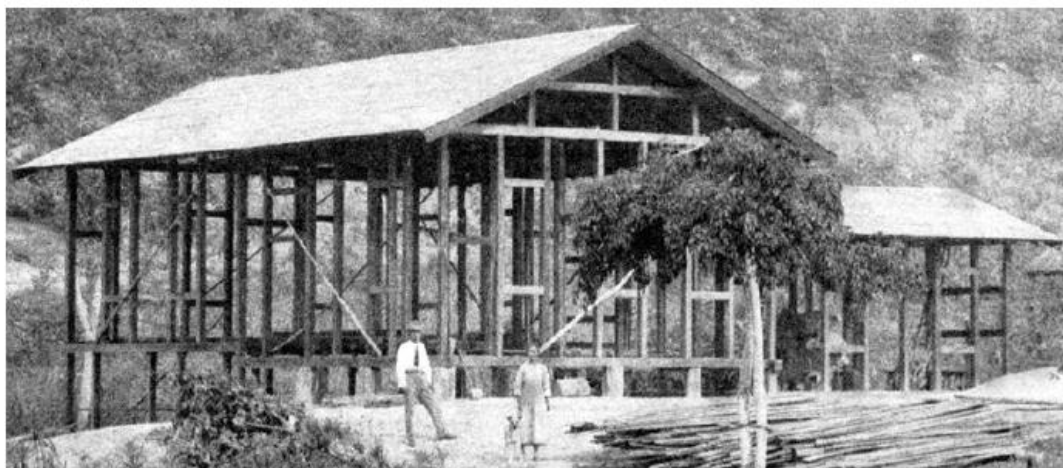
A estrutura da casa era composta basicamente por madeira, sendo que a mais utilizada para a sua concepção no Vale do Ribeira foi a canela preta, de acordo com os estudos e relatos feitos por Akemi Hijioka. A identificação e extração da madeira a ser utilizada era de um domínio das comunidades quilombolas e ribeirinhas que já habitavam a região local, sendo que após os materiais serem identificados estes eram processados para que os carpinteiros japoneses realizassem o trabalho de corte das sambladuras no local em que a habitação seria construída.

A presença de madeiras foi um aspecto importante na construção das casas, pois estas já forneciam material pré-preparado para os carpinteiros, tendo este a função de realizar os cortes necessários para o encaixe das peças. De acordo com Akemi, haviam mais de 30 tipos de sambladuras mais utilizadas para carpintaria de residências, estando essa divididas a grosso modo em dois tipos, as sambladuras que tinham encaixe paralelo, chamadas de “tsuguite”, e as perpendiculares, “shikuchi”.



Exemplo de “tsuguite” e “shikuchi” no Brasil.
Fonte: Lie, 2013, p.32, 33

Após o corte era realizada a montagem que geralmente era feita pela comunidade, mobilizando esta uma quantidade considerável de pessoas para a sua execução. Feita a montagem da estrutura como um todo, inseriam-se as portas e janelas.



Exemplo de uma estrutura construída.
Fonte: Hijioka, 2016, p.156



Exemplo da construção das casas dos imigrantes.
Fonte: Hlkjioka, 2016, p.156

TIPO LOGI AS

Do ponto de vista da volumetria e da linguagem, as casas produzidas no Vale do Ribeira, segundo Hijioka (2016), podem ser divididas em cinco tipologias arquitetônicas classificadas de acordo com a sua forma:

1 RESIDÊNCIA TÉRREA, PISO ELEVADO E COBERTURA DE QUATRO ÁGUAS:



Fonte: Hijioka, 2016, p.78

2 RESIDÊNCIA TÉRREA, PISO ELEVADO E COBERTURA DE DUAS ÁGUAS:



Fonte: Hijioka, 2016, p.78

3 RESIDÊNCIA TÉRREA, PISO ELEVADO E COBERTURA “IRIMOYA”:



Sendo “Irimoya” o nome dado ao frontão da casa

Fonte: Hijioka, 2016,, p,78

4 RESIDÊNCIA TÉRREA, PISO ELEVADO E COBERTURA “IRIMOYA” E VARANDA:

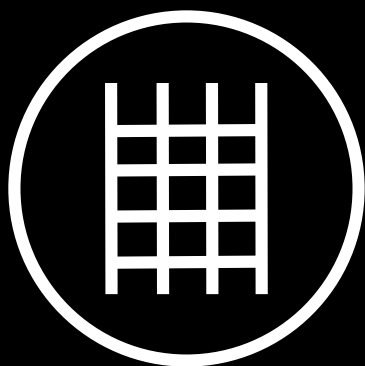


Fonte: Hijioka, 2016, p.79

5 RESIDÊNCIA DE DOIS PAVIMENTOS COM ACESSO EXTERNO AO PAVIMENTO SUPERIOR:



Fonte: Hijioka, 2016, p.80



Na tese de doutorado de Hijioka (2016), não encontramos desenhos das plantas para analisarmos, sendo que a única fonte que usamos para fazer alguma reflexão das casas nesse local foram as cartilhas de recomendações aos imigrantes japoneses.

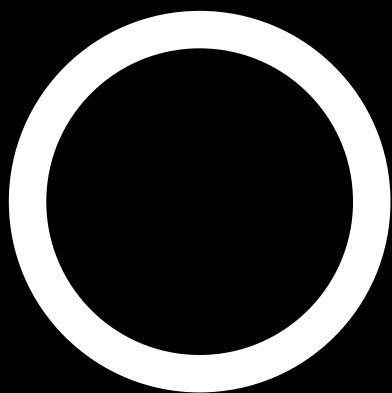
Dentro dessa cartilha, como dito anteriormente, houve recomendações aos imigrantes para se instalarem no novo país, sendo uma das recomendações foi onde construir a moradia.

Um dos aspectos ressaltados em relação à construção das casas foi o cuidado a doenças, principalmente as que tem como vetores os mosquitos. Para isso era recomendado o afastamento das casas com as florestas, assim como o distanciamento em relação aos rios.

Outro aspecto foi as recomendações construtivas em relação as casas de taipa, sugerindo que estas seriam uma das melhores soluções térmicas se comparadas as casas de madeira, indicando também o uso da treliça simples como estrutura e o modo de instalação, explicando cada parte da estrutura a para que servia, não recomendando também telhados complexos, pois aumentaria o custo.

Apesar de não transparecer o quanto da cartilha, ou se esta, foi seguida, o fato das citações baterem em parte com o que foi construído nos faz refletir, o quanto da cultura japonesa foi mantido. Apesar das técnicas construtivas, como a utilização do “tsuchikabe” ter sido seguido parcialmente, não é de surpreender que as casas dos imigrantes no Vale do Ribeira tenham os mesmos aspectos que a do Paraná em que se mantinha o “butsudan” e “ofurô”.

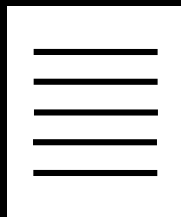
Observamos também nessas casas a ausência de ornamentos comparado as casas no Paraná, devendo-se ao fato de talvez não houvesse preocupação para tal ou então que não haviam pessoas que conheciam a fabricação e o formato desses, considerando que a região instalada é majoritariamente composta por fazendas e sítios e levando a consideração a distância das cidades como Registro da qual tinha uma elevada concentração de imigrantes japoneses, contribuindo para uma lenta inovação e reforma das casas.



Com esse trabalho posso dizer que aprendi um pouco sobre a arquitetura japonesa, assim como os seus processos históricos, algo totalmente inusitado para mim e que foi muito importante.

Em relação à arquitetura dos imigrantes japoneses, sinto que falta ainda muito a ser estudado, tanto no aspecto de análise das plantas das casas com um estudo do que restou da cultura japonesa nas casas, pois apesar de meu trabalho tentar abordar sobre isso, sinto que faltam muitas coisas a serem complementadas. Outro aspecto que não está relacionado a arquitetura, mas tem a ver com a cultura japonesa seria a de como os imigrantes se apropriaram da cultura japonesa e alteraram para se adequar no Brasil.

Outro aspecto que não abordei também seria o porque os imigrantes utilizaram a técnica de “mata-junta”, ao invés de um acabamento japonês, seria somente por um aspecto pragmático ou teriam outros motivos?, Por que algumas coisas não permaneceram em grande parte das casas como o desnível entre a cozinha e o restante dos ambientes? Por que somente o “butsudan” e o “ofurô” foram mantidos com o tempo e não outros aspectos como uma maior conexão entre os ambientes por portas móveis?, ficaram muitas perguntas no ar com pouco material, mas apesar disso sinto que aprendi um pouco sobre a imigração japonesa da qual nunca ouvi falar tanto na escola como na minha faculdade, sendo um aprendizado que carregarei comigo e espero que outras pessoas consigam responder as várias perguntas que ainda seguem sem respostas.



YOUNG, David; YOUNG, Michiko. **The art of japanese architecture**, Kodansha International, Japão, 2000.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês história de sua vida no Brasil**, Centro de estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo, 1987.

NAKAYAMA, Tomoo. **O imigrante japonês história de sua vida no Brasil**, Centro de estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo, 1987.

KARPOUZAS, Helena. **A casa moderna ocidental e o Japão: Influência da arquitetura tradicional japonesa na arquitetura das casas modernas ocidentais**, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

WYNN, Lesley. **Self reflection in the tub: Japanese bathing, Culture, Identity, and cultural nationalism**, University of San Francisco, San Francisco, 2014.

IKARI, Luci Tiho. **Lazer do imigrante japonês no Brasil**, Revistas USP nº25, São Paulo, 2005.

MERRY, M. Adam. **More than a bath: an examination of Japanese bathing culture**, Disponível em: https://scholarship.claremont.edu/cmc_theses/665/, California, 2013.

NAGASE, Larissa Lie. **Arquitetura dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

HIJIOKA, Akemi. **Minka- casas dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira**, Universidade de São Carlos, São Carlos, 2016.

KIMURA, Simone. **Vestígios da Imigração japonesa no Brasil: Um patrimônio possível**, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

IBGE. **Resistência e Integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil**, IBGE, Rio de Janeiro, 2008.

BATISTA, Flávio Domingos. **A TECNOLOGIA CONSTRUTIVA EM MADEIRA NA REGIÃO DE CURITIBA: da casa tradicional á contemporânea**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MARCOS, Micheline; CAMARGO, Arildo; MIRANDA., Antônio Claret. **A arquitetura em madeira frente às novas construções e a percepção do usuário na cidade de Curitiba**, UNICURITIBA, Curitiba, 2015.

ZANI, Antonio Carlos. **Arquitetura em madeira**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

KOHLRAUSH, Arlindo Jonas Fagundes. **Introdução à história da arquitetura de Ponta Grossa / Pr: As casas de madeira – 1920 a 1950**, FAU USP, São Paulo, 2007.

MAESIMA, Cacilda. **Números da imigração japonesa no norte do paraná: 1958**, Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, 2011.

SILVA, Bruno Sanches Mariane. **As imigrantes de Londrina: uma análise Hodonímica**, Congresso Internacional de História, Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/342.pdf> Maringá, 2011.

Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**, 1975.

André, Richard Gonçalves, **Entre a Casa, o túmulo e as Cinzas: Permanências e transformações do culto budista aos ancestrais entre nipo-brasileiros**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

Andrade, João Corrêa, **A colônia esperança o japonês na frente pioneira norte-paranaense**, Universidade do Paraná, Curitiba, 1975.

SILVA, Marize Florian; DALL'ACUA, Jéssica Domanski; CAVALI, Eliane; MASIERO, Eduarda; FASTOFSKI, Daniela Chiarello, **ALONDRINA/PR – Contexto Histórico, evolução e desenvolvimento urbano**, Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, 2017.

AMORIM, Wagner Vinicius. **A produção do espaço urbano em Londrina – PR: A Valorização Imobiliária e a Reestruturação Urbana**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

KONNO, Samara. **Aretornando à casa: o culto aos antepassados okinawnos**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KAZUYA, Inaba; NAKAYAMA, Shigenobu. **Japanese homes and lifestyles: Na Illustrated journey through history**. Kodansha International, Japão, 2000.

ENGEL, Heinrich. **The japanese house: a tradition for contemporary architecture**. Tuttle Publishing, Vermont, 1964.

KAWASHIMA, Chuji. **Japan’s Folk Architecture**. Kodansha International, Tokyo, 2000.